

Diário de Lisboa

Número avulso: 50 CENTAVOS

Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273

ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

Um acordo colectivo de trabalho

entre as empresas armadoras
e o Sindicato Nacional dos Empregados
de Escritório dos Serviços de Navegação



O prof. dr. Rui Ulrich usando da palavra durante a cerimonia

No gabinete do sr. dr. Trigo de Negreiros, subsecretário de Estado das Corporações, realizaram-se hoje, às 12 e 30, dois actos corporativos: a assinatura dum acordo colectivo de trabalho entre as empresas armadoras e o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório dos Serviços de Navegação, e uma rectificação ao contrato celebrado, há um ano, entre os agentes de navegação e o referido sindicato.

Assistiram muitos armadores, agentes, directores de companhias de navegação, empregados de escritório, e altos funcionários do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência.

O novo contrato de trabalho dos armadores trata da classificação e distribuição do pessoal, da admissão e despedimento, de licenças, do serviço militar e legionário, de disposições gerais e transitórias, e da fixação dos quadros do pessoal e estabelece, quanto a ordenados, duas tabelas, conforme a classificação da companhia. Os ordenados variam entre 3.200\$00 como chefe de divisão, e 400\$00 para os p. ati-

cantes com um ano de serviço, havendo ainda aumento proveniente das diuturnidades.

As rectificações referentes aos agentes de navegação estabelecem que o serviço, aos sábados, termine às 13 horas, e também um horário de verão, de maio a setembro, pelo qual o trabalho começa e termina uma hora mais cedo. Modifica ainda o regime de férias, aumentado a subvenção, a partir de 1 de Janeiro, com 150\$00. Mantém o quadro dos vencimentos e suas categorias, criando a categoria de aspirante, com o ordenado de 850\$00.

Os documentos foram assinados, por parte das empresas armadoras, pelos srs. professor Rui Ulrich e dr. José Gonçalves, da Companhia N. de Navegação; dr. Domingos de Meneses e Raul Vieira, da Companhia Colonial de Navegação; D. Manuel de Melo, da Sociedade Geral de Transportes; comandante Raul Fernandes, da Empresa Insulana de Navegação; e David Nunes, de «Bagão, Nunes, Machado». Em nome do Gremio dos Agentes de Navegação, assinaram os srs. Francisco de Amorim, de «J. T. Pinto de Vasconcelos»; Eduardo Peres, da Agência Comercial e Marítima, e Mario Silva. Representavam o sindicato os srs. Luiz Inácio Rodrigues, Vital José de Azevedo Rodrigues, Fernando Mendonça, Armenio Monteiro e Herminio Pereira da Silva Pinto Junior.

Depois da assinatura, o sr. Luiz Inácio Rodrigues usou da palavra para salientar a maneira como o novo contrato foi orientado, e o facto de se ter chegado a acordo sobre um assunto já tentado por varias vezes, e nunca resolvido, não por falta de harmonia entre as empresas e os empregados, mas por outras razões. O presidente do Sindicato disse ser, agora a fundação da Caixa de Previdência para todo o pessoal dos serviços de navegação a grande aspiração da classe.

(Continua na 7.ª pag.)

Dois navios romenos

retidos na Turquia

LONDRES, 20 — Revelou-se que o governo da Turquia decidiu reter em Istambul dois navios romenos—«Transylvania» e «Bessarabia», de 7.000 toneladas cada um—que estavam para partir para o Mar Negro. Esta informação foi transmitida em telegrama pelo correspondente do «Times», em Ankara. As autoridades turcas justificam a decisão dizendo que esses navios eram empregados para transporte de passageiros e carga e chegaram nessas condições a Istambul, mas agora, segundo informação recebida pelo governo turco, vão ser utilizados como transportes militares e assim passam a considerar-se navios auxiliares, cuja passagem pelo estreito de Dardanelos é proibida pela Convenção de Montreux. Foram colocados guardas a bordo dos navios e retiradas certas peças das máquinas para que estes não possam navegar.—(R.).

O numero de hoje do
Diário de Lisboa
é de 12 páginas

Foi suspensa

a navegação
de passageiros no Danubio

ZURICH, 20. — O correspondente em Budapeste do jornal «Neue Zürcher Zeitung» informa que está suspenso o trafego de passageiros no Danubio. Prossegue a evacuação em massa da cidade de Budapeste, iniciada há três semanas.—(R.).

A resposta da Turquia

às notas das Nações Aliadas

IZTAMBUL, 20.—Sabe-se aqui que a resposta da Turquia às notas das Nações Aliadas sobre a remessa de crómio para a Alemanha, que foi entregue na segunda-feira, é concebida em termos genericos, mas conciliatorios. Os jornais da Turquia dizem que as remessas de crómio para a Alemanha foram consideravelmente reduzidas durante os ultimos dias, em consequencia de dificuldades de transportes.—(Reuter).

O Reich mobiliza

as reservas de combustível

ESTOCOLMO, 20.—O correspondente em Berne do «Social Demokraten» informa que o marechal Goering deu ordem para que todas as reservas de combustíveis dos Balcãs fossem colocadas à disposição do Estado Maior Alemão.—(U. P.).

Aviões aliados

bombardearam hoje
intensamente
a costa de invasão

LONDRES, 20.—Comunicam de Folkestone, que, de manhã, as forças aéreas aliadas começaram a atravessar em força o estreito de Dover para prosseguir o sistemático ataque às comunicações ferroviárias e sistemas defensivos daquela zona, para preparar a invasão.

Esta manhã, toda a aerea fortificada alemã, entre Dunkerque e Abbeville, voltou a ser intensamente bombardeada pela aviação aliada, que lançou um peso considerável de explosivos. Os entroncamentos e as linhas ferreas foram também alvo de violentos bombardeamentos. Foi quasi nula a opposição da aviação de caça alemã.—(United Press).

Na Holanda, aumentou subitamente a intensidade dos actos de sabotagem

ESTOCOLMO, 20.—Por informações recebidas em Malmoe, verifica-se que lavra grande agitação entre a população civil da Holanda, em consequencia de ter sido ali divulgada a noticia de que estava iminente a invasão.

Ao mesmo tempo, têm aumentado os actos de sabotagem nos ultimos dois dias. Regista-se a destruição de depósitos de munições e de viveres. Produziram-se, também, vários descarriamentos de comboios militares e de mercadorias.—(U. P.).

Começa hoje em Filadélfia

a reunião da Repartição Internacional do Trabalho
em que participam 300 delegados
representando quarenta nações

NOVA YORK, 20.—(De John Reichmann, correspondente da «United Press»). A Conferencia da Repartição Internacional do Trabalho inicia hoje os seus trabalhos em Filadélfia.

A finalidade principal da Conferencia consiste em estabelecer uma directriz com a qual os diversos Governos e as administrações do trabalho concordem, delineando, durante a guerra e depois dela, uma politica que dirá respeito ás obras publicas, sanidade, desemprego, problemas de segurança, outros medidas para organização do trabalho em tempo de paz, durante o período de transição e, ainda a fixação dum nível de vida nos países que possuem colonias e nos territórios dependentes.

Aparecerão certamente outros problemas mas o tema fundamental da reunião de Filadélfia, será: «Só é possível uma paz duradoura, se esta for baseada na justiça social».

A Conferencia é uma afirmação de que todos os seres humanos, sem distincção de raças, castas, sexos e idades, têm direito a condições de vida, tanto materiais como a um desenvolvimento espiritual em condições livres, dignas e, ainda, a uma economia e segurança igual para todos. Em volta destas possibilidades, girará o desejo de estabelecer uma politica internacional.

Mais de 300 delegados e conselheiros, representando 40 nações, participam na Conferencia que terá as suas reuniões na Universidade de Tempico.

A Russia, que tinha sido excluída da So-

ciidade das Nações e que, portanto, não podia participar na Organização Internacional do Trabalho, foi também convidada a fazer-se representar, mas não enviou qualquer delegação.

Os delegados dos trabalhadores, antes da Conferencia iniciar os seus trabalhos, manifestaram á Imprensa a esperanza de se apertarem os laços que prendem a Organização Internacional do Trabalho á S. D. N., acrescentando que estes seus desejos não significam o alheamento da futura organização da Paz Mundial. Os delegados suecos afirmam o seu alto interesse pelos trabalhos, especialmente no que diz respeito aos problemas que se prendem com o aumento do nível de vida, e com a maneira de evitar o desemprego das massas.—(United Press).

Explosões misteriosas

na região de Calais

LONDRES, 20.—Enormes chamas iluminaram todo o Canal da Mancha, de costa a costa, depois de teríveis explosões, cujo estrondo provinha da direcção de Calais e do Cabo Griz Nez. Essas explosões deram-se pouco depois da meia noite e esta manhã. Estas misteriosas explosões não parecem ter sido causadas por ataques da Aviação aliada.—(Reuter).

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

FURTOS NOS «ELECTRICOS» — Os gatinhos furtaram aos sr. Antonio Maria da Costa Junior, rua do Arco do Cego, 65, 1.ª, a

DESASTRES

MORTO POR UM AUTOMÓVEL — Com grande acompanhamento, realizou-se hoje, do necrotério para o cemitério do Lumiar o funeral do sr. Antonio Cardoso e Silva, que, há dias, foi morto por um automóvel, na rua do Carmo, quando estava acompanhado por sua esposa, que também ficou ferida.

carteira com 3.500\$00; e ao sr. José Alves dos Santos, residente em Sintra, o relógio e corrente de ouro, no valor de 8.700\$00, quando seguiam em carros eléctricos.

UM FURTO EM TORRES VEDRAS — As autoridades de Torres Vedras pediram a P. J. C. de Lisboa um agente para proceder ali a investigações sobre um furto importante ali praticado.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição Portela Junior

A grande exposição de pintura do brilhante artista Portela Junior, que tantas centenas de pessoas tem levado à Sociedade Nacional de Belas Artes, encerra-se hoje pelas 19 horas.

OS TRANSPORTES NAS CIDADES

de Lisboa e do Porto

Recebemos a seguinte carta:

«SR. DIRECTOR:—A INTERVENÇÃO do «Diário de Lisboa» se deve já o abortamento de muitas habilidades. Os habilidosos, porém, proliferam no nosso país e, sempre que os deixam, fazem das suas.

Coube agora a vez à Empresa Geral de Transportes, concessionária da Companhia dos Caminhos de Ferro, e pretensa monopolizadora dos transportes das mercadorias que pelo caminho de ferro chegam às cidades de Lisboa e Porto.

Aquela empresa conseguiu induzir os dirigentes da C. P. (pois queremos crer que estes procederam de boa fé) a publicar um aviso ao público, cuja matéria é nada mais, nada menos que o estabelecimento do monopólio dos transportes nas cidades de Lisboa e Porto das mercadorias que aqui e ali chegam pelo caminho de ferro, porquanto impõe a obrigatoriedade de utilização dos seus serviços, quando é certo que muitos consignatários têm pessoal e material exclusivamente apropriado a executá-los. Além de que, muitas outras empresas transportadoras existem nas duas cidades, que indevidamente são privadas de servir a sua clientela.

Acontece, ainda, que muitas das remessas se destinam a diversos domicílios, aos quais os seus destinatários desejam conduzi-las directamente, evitando duplicações de despesa e perda de tempo. Outro tanto sucede quanto aos volumes transportados ao abrigo da tarifa especial n.º 8/108, que muitas vezes se destinam a locais diferentes da residência dos consignatários.

Alega a C. P. a necessidade de espaço para armazenagem: contudo, raramente os seus cais estiveram tão vazios, o que aliás se justifica pela escassez de matérias primas que reduz a produção industrial.

BORDADOS e ALTA COSTURA

Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.
Tel. 23754

RETIRO DOS MARIALVAS

R. DA BARROCA, 126—T. 2 5676



Natividade Pereira



Adelaide Cardoso

A'S 21 HORAS NOITE MARIALVA

com 12 categorizados artistas: Natividade Pereira, Maria Augusta, Adelaide Fernandes, Adelaide Cardoso, Manuel Cascais, Julio Vieitas, Jaime Silva, José Coelho, Epifanio Guimarães, o cantor humorístico Antonio Lopes, Carvalhinho e Pais da Silva, 12 artistas. Noite de bom fado. ENTRADA FRANCA.

Domingo, o extracto «ENCRUZILHADAS». Amanhã, grandioso programa.

CAFE LATINO

T. 6 2293 R. Ferreira Borges. 68

A's 21 horas: Maria Loureiro, Guiomar da Conceição, Manuel dos Santos, Domingos Silva, José Nunes e Alfredo Mendes. Desgarrada entre os artistas de serviço e um «dueto» de Carlos Conde entre Manuel dos Santos e Domingos Silva. ENTRADA FRANCA.

VASOS OLARIA ADAO—R. Soares dos Reis, 5—Campolide—Tel. 4536

DA VIDA QUE PASSA

Morreu um fidalgo português

Nestas quatro curtas palavras repassadas de muita saudade vai a síntese do que foi para mim o domingo de Pascoa de 9 de abril de 1944.

Morreu um fidalgo português e o seu nome é D. José Mascarenhas. Dos seus maiores herdeiros os títulos nobiliárquicos e o sangue e esse sangue, que se lhe não degenerou nas veias, confirmou-lhe a nobreza, deu-lhe a valentia e a lealdade da sua vida.

Porque assim foi, eu, que não tenho, para poder-se tornar suspeito o meu juízo, o prazer havido de muita convivência com ele, de há muito me habituara a ver no conde da Torre a encarnação mais fiel, nos nossos tempos, da antiga nobreza de Portugal, com as suas incomparáveis virtudes e também com os seus defeitos.

Já uma vez, publicamente, citei uma frase de Anatole France «Un homme n'est rien quand il n'est pas le produit de sa terre», e disse então também que este pensamento andava já anteriormente no nosso rifa popular «Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso» e tornando hoje a repeti-lo, quero dizer que, a não fazermos obra de renegados, devemos antes de tudo, com sacrifício de tudo, afirmarmos-nos Portugueses, aceitar o ser, como somos, o produto da nossa terra e até—por que não dizê-lo ativamente?—ao contrário de nos sentirmos apoucados, orgulhamo-nos daquelas virtudes e defeitos, característicos da raça, que fez Portugal grande!

Tendo bem presente que tudo que somos e que tudo que usufruimos—e já é bem menos do que foi—dos nossos antepassados veio renegá-los, amesquinhá-los, pretendendo mostrar diferente a nossa indole, deixando perder os nossos costumes, os nossos gostos, tudo sacrificado à onda dos estrangeirismos para lhes conquistarmos as graças, não é civilizarmos-nos, é internacionalizarmos-nos, desnacionalizando-nos.

Será muito comodo, mas é muito vil.

Ora, D. José Mascarenhas era bem um fidalgo português, porque o era por sua estirpe e porque, arrostando com a morte, com o exílio e com prisões, se afirmou sempre em toda a parte corajosamente português, pegando em armas pela patria e pelo rei porque o foi no seu acrisolado amor à terra, gostando de toiros e de cavalos, de guitarradas e de folias, de brigas e de pelejas.

Correndo-lhe nas veias sangue de muito antiga fidalguia, o povo adorava-o e tinha-lhe respeito, porque ele era bem português, homem simples, bom, generoso, leal e valente.

Amigo como poucos o são, as portas do seu palácio abriam-se sempre acolhedoras a quem a elas bateu na hora do perigo ou da desgraça e se perigo havia, ele e todos naquela casa nobre—bem dita casa!—o compartilhavam, cheios de animo varonil.

E as festas!...

Que encantadoras recepções naquelas salas, que alegres e vistosos arraiais nos bonitos e bem tratados jardins, que noites da tradicional missa do galo, que animadas brincadeiras com garraios na pequenina praça do palácio!

Que gratas e saudosas recordações de tanta coisa bela, de tanta gentileza recebida!

Sim, era bem um fidalgo em tudo e em tudo o manifestou.

Herdeiro de muitas terras, o seu primeiro cuidado, foi chamar a si a exploração e administração directa do que arrendado andava, e foi notável o seu carinho no restauro e melhoramentos da sua casa em S. Domingos de Benfica, o lindo palácio Fronteira, já classificado monumento nacional.

Era por instinto, por compenetração da sua responsabilidade de chefe de família e por bom gosto artístico que possuía, que ele conservava o que tinha e adquiria novos bens.

Herdeiro de sangue, que se lhe não degenerou nas veias e que não obstante a adorável simplicidade dos seus actos, o não deixava confundir-se entre a multidão.

Era como era e, sendo de facto muito simples, irradiava dele a nobreza daqueles predicados, que o faziam temido, respeitado e adorado.

Herdeiro de sangue, que se lhe não abastardou nas veias e que até no seu leito de morte lhe deu marcada distinção.

Não se me apagará da memória a visão triste, mas imponente em toda a sua grandeza evocativa, do cenário que teve por pano de fundo a sala das batalhas do palácio Fronteira, em que foi armada a essa com o corpo inanimado para sempre de D. José Mascarenhas.

Sim, ele estava bem ali, a dentro daquelas paredes azulejadas com feitos de portugueses e adornadas de efígies dos seus antepassados.

Jazia muito bem ali, naquele lugar, sob o olhar do fundador da casa, o fidalgo D. João Mascarenhas, 2.º conde da Torre e 1.º marquês de Fronteira, porque D. José Mascarenhas, o conde da Torre, o meu saudoso amigo, foi um português de raça, que se bateu sempre pela sua patria e pelo seu rei e foi bem um continuador da sua obra.

Paz à sua alma, e que Deus guie na espinhosa tarefa de herdeiro, do nome e do sangue, o seu sucessor!

DELFIN MAIA



Modelos escolhidos de Móveis e Estofos

Lindos lustres Carpetes

ESTORES e CORTINADOS

R. Serra Pinto, 12 B
Tel. 21340 — CHIADO

DE LUTO

José Urbano Monteiro de Castro

Na sua residência, rua de S. Bento, 289, 1.ª, faleceu o sr. José Urbano Monteiro de Castro, de 59 anos, architecto e professor da Escola de Marquês de Pombal, casado com a sr.ª D. Maria Leticia de Lagrange Urbano de Castro, irmão do sr. engenheiro agrônomo Artur Urbano de Castro e cunhado do sr. José de Lagrange e Silva, director do Ateneu Comercial e da Federação do Tiro.

O funeral, a cargo da agencia SRAF, realiza-se amanhã, às 11 horas, para o cemitério Oriental.

Antonio Duque Junior

Faleceu ontem o sr. Antonio Duque Junior, de 44 anos, natural de Torres Novas, motorista, casado com a sr.ª D. Ana Maria Castela Duque. O funeral, a cargo da agencia Magno, realiza-se amanhã, às 10 e 30, da casa mortuaria do hospital escolar para o cemitério do Alto de S. João.

TRASLADAÇÃO

Luz de Almeida

No cemitério do Alto de S. João, procedeu-se hoje, ao principio da tarde, ao levantamento das ossadas de Luz de Almeida, acto a que assistiram a viuva e algumas senhoras de familia e de amizade do extinto.

Os ossos foram conduzidos para o ossario municipal, por iniciativa de um grupo de amigos.

SUFRAGIOS

Barão Donny

Na basilica dos Martires, em sufragio da alma do barão Donny, celebrou-se hoje missa, mandada dizer por sua familia, actualmente residente em Portugal.

Foi celebrante um padre belga e, junto ao altar-mor, do lado da Epistola, via-se o estandarte dos antigos combatentes belgas devidamente escoltado por combatentes.

O templo encheu-se por completo, destacando-se entre a assistência muitas senhoras, que trajavam de preto.

Toda a colonia belga de Lisboa estava presente, tendo á frente o respectivo ministro e pessoal da legação e do consulado, assim como varios funcionarios da embaixada da Inglaterra e de outras representações diplomaticas estrangeiras.

NOTÍCIAS DE SETUBAL

Desastre mortal

SETUBAL, 20—Um automóvel conduzido pelo motorista Agostinho Lopes, ao atravessar a rua de S. Sebastião, não pôde evitar a menor Teodolinda Teresa Serra Ferreira, de 9 anos, que lhe surgiu pela frente. Conduzida ao hospital da Misericórdia no proprio carro, faleceu pouco depois.

Acidente no trabalho

Continua em estado grave o operario Antonio dos Santos Fresco que, como noticiámos, caiu de um andaime de 7 metros, quando procedia á pintura do vigamento de ferro do Mercado do Livramento.

A Penicilina não faz milagres!

Uma sensacional entrevista com o prof. dr. Adelino Padesca sobre a aplicação deste remédio—que não é um remédio milagroso mas um agente terapeutico que precisa ser conhecido. Revelações absolutamente inéditas que interessam a todos! Leia hoje «Vida Mundial Ilustrada».

Bicicletas



Completas, esmaltadas, diversas cores e marcas a Esc. 1.250\$00 Em lotes de 100, grandes descontos

Rua dos Fanqueiros, 250, 3.º-DI.º

LUSO

PALACIO DE S. ROQUE

Travessa da Queimada, 8-A



Ercilia Costa

Hoje, noite da moda, o LUSO apresenta a muito querida artista Ercilia COSTA, Ilda Silva, Alice Magina, Jacinto Pereira, Frutuoso França, José de Castro e os solistas JAI-ME SANTOS e MARTINHO D'ASSUNÇÃO. A's 0 horas, uma desgarrada por 10 artistas.

O LUSO tem ambiente familiar e selecção ri-

gorosa.

CRISTAL BAR-DANCING DA MODA

HOJE, A'S 23 HORAS:

FOI UM NOVO TRIUNFO, A ESTREIA DO BALLET LARRIUT

que encantou o publico pela beleza das suas interpretações coreográficas

EM PLENO SUCESSO:

O TRIO ALONSO

uma atracção COLOSSAL que o publico todas as noites aplaude com entusiasmo

A ORQUESTRA TIPICA

MIURAS DE SOBRÉ

(OS DIABOS DO RITMO)

e um conjunto de atracções Internacionais de que fazem parte os bailarinos excentricos

CRISTIN ET MOLL

No GINÁSIO

Hoje ás 21,30

RAIMU em

A SUA MAIOR CAUSA

Um Filme assombroso

OLIMPIA CLUB

O DANCING DA ALEGRIA E DAS GRANDIOSAS ATRACÇÕES

MARIETINITA

LOLITA GALLEG0



CARMELITA DEL RIO

FLORITA APARICIO

Eis um cartaz brilhante e de grande êxito no

OLIMPIA CLUB

OUTRO EXITO MAIS
ALTO SE LEVANTA:

«DISCÓRDIA»

COM A MAIOR VEGETA
DO MOMENTO EM TODO
O FULGOR DO SEU GÉ-
NIO E DA SUA FAMA:

MARLENE

SECUNDADA PELOS DOIS
GRANDES INTERPRETES
DA EMOÇÃO:

EDWARD ROBINSON E GEORGE RAFT

NUMA REALIZAÇÃO DE
RAOUL WALSH, PERTEN-
CENTE A FAMOSA SE-
RIE DE EXCLUSIVOS DA

SOCIEDADE IMPORTADORA DE FILMES
HOJE, EM 2.^a SEMANA TRIUNFAL, NO «POLITEAMA»



ELVIRA COPPELIA
e sus Muchachas nas «se-
guidillas» O.E. CATAPUM do
filme GOYESCAS

ARCADIA

O MAIS ELEGANTE E MODERNO BAR DANCING DE LISBOA
Apresenta os famosos criadores do baile
humorístico

ELSIE-WALDO

no número de êxito mundial

IRMÃOS MARX

DUAS ORQUESTRAS

VAGABUNDOS (Espanhola)

ALMEIDA CRUZ (Portuguesa)

e um grande conjunto de variedades com Ester de Gue-
varra - Manolita Piquer - Lolita Diaz - Nelly Del
Plata - Pepita Ruiz - Greta Sol - Pilarin Diaz -
Isabelita Arias e a vocalista Noly Lu

Devido à grandiosidade do programa, as variedades começam às 8 horas

HOJE MIAMI

RECITAL DE DANÇA

POR

LOLITA BENAVENTE

AMANHÃ

DUAS ESTREIAS

PROGRAMA

Dança 5.^a..... Granados
com Orquestra

Sambra Gitana
Farruca

(à viola)

Falsa moneda

do filme

MORENA CLARA

Os acompanhamentos à viola são feitos
pelo concertista ALFREDO COSTA

(do «Galgo»)

Reservam-se mesas.

Telef. 24282

Olá, amigos!

de Walt Disney

CHAPEU ALTO

2 7172 - A's 21,30 com Fred Astaire e G. Rogers

POLITEAMA

2.^a SEMANA
Discórdia

Telef. 26305 com Marlene Dietrich,
Ed. Robinson e George Raft

TRINDADE

4.^a e ÚLTIMA
SEMANA

A's 21 e 30
Matinées
às 16 horas



Coroã de Ferro

GINASIO

ESTREIA
A SUA MAIOR CAUSA

As 21 e 30

Telef. 20556

com Raimu e Juliett
Faber

TERRASSE

O homem com dois passados

A CICATRIZ DO MAL

TEL. 20917 - A's 21 e 15

L.Y.S.

O homem com dois passados

A cicatriz do mal

TEL. 48560
A's 21 e 15

TIVOLI

2.^a SEMANA
O céu pode esperar

A's 21 e 30

TELEF. 50593

uma comédia de Lubitsch
com Don Ameche e Gene
Tierney

EDEN

ÚLTIMA
MAGNÍFICO PRECUIÇOSO

A's 21,30

Telef. 2 0760

com Henry Fonda, Lynn Bar
e Don Ameche

CONDES

Gente a mais...
e casas a menos

A's 21 e 30

MATINÉES DIÁRIAS

com Jean Arthur, Charles
Coburn e Joe Mc. Crea

O DEON

7 namoradas

A's 21 e 15

Palacio

De JOE PASTERNAK

A's 21 e 30

Telef. 2 7493

com Kathryu Grayson, Van
Heflin e Marsha Hunt

CAPITOLIO

O soldado de chocolate

com Nelson Eddy

Homens de amanhã

ESPECTACULO DO S. N. P.

Pauliteiros de Miranda

O ladrão de Bagdad

Precisa-se dum filho

REX

Balalaika

Madame X

Telef. 29656

A's 21 e 15

CASINO

Sunny, a rainha do circo

com Anna Neagle

JARDIM CINEMA

Falstaff em Viena

Pista descoberta

Telef. 63065

TEATROS E CINEMAS

Primeiras representações

«Molinos de viento»,
no teatro Variedades

Há dois anos, a Companhia Juvenil de Zarzuela dirigida por Mariano Madrid estreou-se no Maria Vitoria precisamente com a opereta de costumes holandeses que ontem sobiu à cena no teatro Variedades, «Molinos de viento», original de Luiz Pascual Frutos, com musica de Pablo Luna.

O cansaço da viagem e as contingencias duma montagem apressada fizeram que a apresentação da companhia não fôsse tão brilhante quanto seria para desejar, facto de que se ressentiu toda a actuação futura no teatrinho do Parque, onde o êxito artistico, que foi manifesto nos espectáculos seguintes, superou por certo o êxito material.

Ontem, porém, não sucedeu o mesmo. Os pequenos artistas estavam bem dispostos, as vozes afinadas e o publico encantado. E se é certo que a deliciosa partitura de Pablo Luna pede gargantas mais adequadas ás suas exigencias liricas, a verdade é que os jovens cantores não fizeram muito má figura. Pelo contrario. Dá gosto ouvi-los e ver a seriedade, o brio profissional que põem no desempenho. Tomara muita gente crescida chegar-lhes aos calcanhares.

A unica novidade da distribuição consistiu no papel de «Capitan Alberto» feito pelo bariton Antonio Galan, que esteve sempre á altura das responsabilidades do «partito», cantando com voz agradável e de bom timbre a sua parte. Conchita de Vicente acompanhou-o, senão no mesmo nível vocal, pelo menos com indisputavel graciosidade e excelente expressão dramatica. Encarnita Abad reeditou um tipo hilariante, desenhado com belo traço comico. Tomás Zori foi, no «Cabo Stock», o mesmo actor admiravel de sempre, pormenorizando com intelligencia o seu papel. Manuel Codoso compôs com assinalavel traço comico a figura jovial de «Romo».

Em fim de festa, representou-se um acto de variedades em que brilharam Mary Garcia, Conchita, Pepita Esteban, Zori e Codoso.—N. L.

Uma pergunta estranha

Numa companhia que foi há uns anos á Africa—conta o actor Alberto Reis—ia uma actriz muito galante, hoje retirada de cena. Em Angola, ofereceram um barquete a todos os artistas, presidido por uma alta individualidade, doutor em direito e pessoa de fino espirito. No final da festa, conversou-se animadamente e o simpatico funcionario superior da colonia começou a contar peripecias dos seus tempos de Coimbra, recordações saudosas da mocidade. A artista ouviu-o com muita atenção e, a meio da conversa, interrompeu-o: —E' de Coimbra? —Não! Fiz lá o curso na Universidade. —Ah! Não sabia que o sr. doutor tinha sido estudante...

E FEMERIDES

Nasceram a 20 de abril: os escritores Tomé Joaquim Gonzaga Neves e João Amaral; o maestro compositor Frederico Ferreira; o cenografo Raul Duarte; os actores Romualdo de Figueiredo e Octavio de Matos; as actrizes Delfina Perpetua do Espirito Santo, Jesuina Marques (Maria Jesuina da Conceição Marques) e Ausenda de Oliveira (Ausenda da Costa Oliveira), e a cantora Raquel Bastos.

1890: Primeira representação, no teatro da Alegria, da comedia em 2 actos «O diabo no corpo», original de Rafael Ferreira, que tem escrito e traduzido muitas peças de agrado.

Atrás do reposteiro

E' no sábado que se estreia, no Coliseu, a companhia de opera italiana, com a «Bohème» de Puccini, com o famoso tenor Lauri Volpi. Nesta recita extraordinaria, a orquestra será dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco.

—Sob a direcção artistica do antigo actor Luiz dos Santos, organizou-se um grupo cénico, em Leiria, que tem dado espectáculos para fins de beneficencia, no teatro D. Maria Pia, tendo já levado á cena as peças: «A vizinha do lado», «Quem matou» e «O grande amor».

—O artista Laerte Neves é quem está a executar os figurinos da revista «O jogo do diabo», em ensaios no teatro Avenida.

—O secretario teatral Alfredo Meca seguiu para a provincia, a-fim de colocar os espectáculos da companhia internacional de variedades «O Casablanca em viagem», organização da empresa José Miguel da Costa.

—A empresa do Apolo, antes da montagem

(Continua na 7.^a pag.)

Teatro Nacional de D. Maria II
HOJE, ás 21 e 30. HOJE
1.^a Representação do original português,
em 3 actos, de RUI CORREIA LEITE

RAÇA!

Com Palmira Bastos e Alves da Cunha

O EDEN TEATRO

tem a honra de apresen-
tar a partir de amanhã

UMA COMEDIA GENIAL

DE

RENÉ

CLAIR

CASEI

COM UMA FEITICEIRA

VERONICA

Lake

FREDRIC MARCH

Figuras que surgem do nada,
vozes misteriosas,
aparicoes inexplicaveis;
em suma um filme
tremendamente engraçado

Uma produção da UNITED ARTISTS
PARA A SONORO-FILME

CASABLANCA

Emp. José
Miguel
Telf. 21369

Hoje, ás 21,30 h.

Despedida do espectáculo que tanto
êxito tem feito com as grandes
atrações

Henriqueta Vallés - Linda Rose
Trio Billy Wells
Diamantes Rubios
Carmen Caballero
Hermanas Solier
Carmelita de Cordoba
Maria Pereira

e a famosa orquestra

CARAVANA

Fados por Adelaide Cardoso - Jaime Silva

AMANHÃ

Estreia de um novo espectáculo
de VARIEDADES

AVENIDA

Telefone
27273

HOJE, 2 sessões ás 20,30 e 22,45

A OPERETA POPULAR

O Zé do Telhado

com AMARANTE e LAURA ALVES

Domingo: «Matinées» ás 16 horas

VARIEDADES

A's 20 e 30
e 22 e 45

A Companhia Juvenil de Zarzuela

Apresenta a pedida a opereta

D. MARIQUITA DE MI CORAZON

Amanhã, única representação da célebre
zarzuela

LA DOLOROSA

MARIA VITORIA

A's 20,45 e 23 horas

Só até domingo, ultimas representações
da opereta popular em 2 actos e 7 quadros
de Arnaldo Leite e Campos Monteiro

A MULHER DO PADEIRO

Na proxima semana Baile de Mascaras,
a nova revista de F. Santos e A. Amaral

APOLO

Telef. 26643

A's 20 e 30

e ás 22 e 45

Exito sem igual da opereta

A Rosa cantadeira

Hermínia Silva, Hortense Luz, Amalia Rodri-
gues, Ribeirinho, M. Santos Carvalho, Ai-
mando Machado, etc.

ECOS

Lemos há poucos dias o artigo dum jornalista, escrito em 1862, que anuncia cousas terríveis e sombrias sobre o futuro dos povos. Numa época em que a moeda de ouro circulava livremente, havia azeite, batatas, pão e vinho à farta, ele previa catástrofes e calamidades, dizendo:

—Ninguém anda tranquilo, antes todos tremem pelo que poderá acontecer amanhã.

Tudo neste mundo é instável, inquieto e oscilante. Existe em nós um pendor para o trágico a que não podemos fugir. O profeta Ezequiel, quando sacudia os braços, espalhava sobre Israel agouros funestos. Fez escola o homem inspirado: os seus discípulos crescem e visionam o panorama do fim do mundo.

Estamos nós efectivamente em vésperas do juízo final?

Prudência, visionários! O sol, mesmo quando se esconde, ao cair da noite, volta no dia seguinte. Porque não havemos de ter confiança?

Do sr. D. José de Castro recebemos a seguinte carta em que responde a S. O. S.:

«Sr. Director:—Relativamente à informação do vosso prezado colaborador S. O. S. publicada ontem, e agradecendo as amáveis referências que o mesmo sr. me dirige, cabe-me a vez de informar, a título de esclarecimento, que a Coleção de Brases d'Armas ultimamente exposta nas salas da Sociedade Hípica Portuguesa—Rua Ivens, 56, 1.º—teve simplesmente o objectivo citado na Imprensa: tentativa de restituição de Desenho da Armaria Portuguesa à sua expressão tradicional, independentemente do carácter genealógico que aquele vosso colaborador erroneamente pretendeu atribuir-lhe, pelo que não têm oportunidade, no presente caso, as alegações contidas na aludida informação. De V. etc.—D. José de Castro».

Passa hoje mais um aniversário do nascimento de Serpa Pinto, o grande explorador africano, autor do livro «Como eu atravessei a África». Se fosse vivo, teria 98 anos.

Numa época de dissolução política, pobre de ideal e de brio, tomou a sua conta, em circunstâncias que fariam recuar outros, uma missão em que o nome de Portugal voltou a ter ressonância europeia e mundial.

O povo estremeceu de entusiasmo, ao ter conhecimento de que um seu filho fizera voltar o nosso destino à época das descobertas. Não houve cidade nem vila nem aldeia em que ele não fosse vitorioso. Quando regressou à Patria, depois de concluída a grande travessia, Lisboa ergueu-o nos braços, vendo nele o símbolo duma sonhada grandeza.

Sob o título de «Evocação da obra dos canteiros medievais de Coimbra» publicou Antonio Nogueira Gonçalves uma notável conferência que fez na Sé Velha, em 27 de Junho de 1943. Versando uma matéria rica, mas mal explorada ainda, o autor traçou com inequívoca competência o roteiro a seguir pelos que vierem depois.

O racionamento do pão

Da Intendencia Geral dos Abastecimentos recebemos a seguinte informação:

«A Intendencia Geral dos Abastecimentos regista a boa ordem com que hoje decorreu a distribuição do pão em toda a zona de Lisboa, o que demonstra da parte de todos—consumidores e fornecedores—um espírito de compreensão das dificuldades presentes, que é justo pôr em relevo.

Tem esta Intendencia conhecimento directo de que malgamas padarias se produziram aglomerações nas primeiras horas da manhã, devido à morosidade da troca das senhas pelo pão.

Isto foi devido, sobretudo, à natural inexperience na pratica dum novo sistema na distribuição.

Outras causas existem, que se podem eliminar, e, neste sentido, estão a ser tomadas, de acordo com o Instituto Nacional do Pão e o Gremio dos Industriais de Padaria, as providencias necessarias.

E' tambem necessario que os consumidores deem, mais uma vez, provas de boa vontade, que aliás só redundarão em seu proveito, cumprindo as instruções já publicadas e em especial as seguintes:

a) —Apresentarem todas as cartas de que são portadores desdobradas e sobrepostas.
b) —Levarem já quasi totalmente destacadas das cartas de racionamento as senhas que terão de entregar.

Amanhã será utilizada a senha n.º 21.

“Raça!” MacArthur

é o título da peça
de Correia Leite

que hoje se estreia

no teatro Nacional



R. Correia Leite

Correia Leite levou para o teatro a sua admirável mocidade. Nunca quis ser ninguém — este mestre, aquela escola, determinada ideologia — mas ele, bem ou mal, com os seus poderosos recursos de expressão dramática. Para Correia Leite o teatro é uma definição da vida. O conceito pode ser discutido, mas não deixa de ser inteligente, quanto a nós, mesmo, o melhor de todos, para lhe dar interesse, realidade, projecção cénica.

A sua primeira peça «A vida é assim» foi um êxito sólido — que revelou não, apenas, o pulso dum homem de teatro, mas a verdade sobre meia dúzia de caracteres, bem vindos — e extremados.

Esta noite, Correia Leite volta ao palco — o de D. Maria, com um original, «Raça!», cujo entreccho palpante e humano, vai apaixonar as plateias. Alguma coisa de intenso, mesmo patético, cortado, naturalmente, pelos pitorescos característicos da existência. E' possível que uma estrela nasça hoje sobre o telhado da Casa de Garrett. Até lá, porém, sem previsões, ouçamos o simpático autor.

«Raça!», diz-nos Correia Leite, é uma peça que escrevi para ser interpretada por Alves da Cunha e na qual procurei fazer teatro, mas um teatro que consiga dar ao publico a sensação da realidade vivida.

—O que é o conflito?

—O entreccho passa-se numa quinta da Beira Baixa. E' um drama intenso, que decorre sujeito às três unidades de teatro — acção, tempo, e espaço. Choque de caracteres, embate de paixões, uma ou outra figura, de plano secundário, a suavizar os costumes do conflito, que supõem humano.

—Quanto ao desempenho?

—Estou plenamente satisfeito com a distribuição. Palmira Bastos marcou e dirigiu toda a peça como só ela o saberia fazer, valorizando-a com a sua experiência e com o seu talento. Alves da Cunha é o grande actor de sempre. O seu desempenho é a garantia máxima que um autor pode desejar para o êxito do seu trabalho. Todos os outros intérpretes, Lucília, Maria Lalande, Raul de Carvalho, Luiz Filipe, Samwel, Laura Fernandes e Beatriz Santos e Henrique Santos, não representam, antes colaboram comigo. Dada a escassez dos ensaios, a vontade e a ternura que todos eles puseram à prova para o completo êxito da peça, são a melhor recompensa que eu, como autor, poderia ter. Para eles, vai toda a minha gratidão e o meu melhor agradecimento.

E a fechar:

—Desculpe nada mais dizer sobre o entreccho da peça. Deixo à critica e ao publico o cuidado de se pronunciarem sobre o seu possível interesse.

UMA FILHA DE TARDIEU

foi agredida e roubada

MADRID, 20. — A Transocean comunica de Paris que a condessa de Masslopp Tardieu, filha de André Tardieu, antigo Presidente do Conselho francês, foi vítima dum roubo no valor de 9.000.000 de francos. Dois desconhecidos, que a visitaram a pretexto de lhe dar notícias do seu filho golpearam-lhe a cabeça, roubando-lhe joias e quadros, entre eles um de Murillo. Um dos assaltantes foi preso. — (U. P.).

«A psicologia e a literatura»

E' amanhã, às 17 e 30, que o sr. Leon Litwinski realiza, no Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências, a sua anunciada conferência, subordinada ao título «A psicologia e a literatura», que está a despertar viva curiosidade nos círculos literários.

perde popularidade
por causa da politica

FILADELFIA, 20. — (Do correspondente especial da Reuter, Paul Scott). — A pitoresca correspondência do general MacArthur com o congressista Miller, na semana passada, veio agitar a cena interna americana, constituindo o principal assunto, desde o discurso de «abdicção» de Wendell Willkie.

A verdade é que, quer ele queira quer não, MacArthur tornou-se, por assim dizer, o candidato das forças políticas que, pelo menos até ao momento de Pearl Harbour, defendiam a atitude de isolamento da América. O outro grande candidato republicano, o governador Thomas Dewey, que domina, na verdade, todos os outros possíveis candidatos do partido, perdeu a posição perante os antigos isolacionistas, especialmente desde que, há alguns meses, propôs uma aliança militar anglo-americana para depois da guerra. A-pesar disso, o bloco favorável a MacArthur, na convenção republicana, tornar-se-ia um factor importante para exigir concessões não intervencionistas de Dewey, como prego da harmonia do partido e do apoio na zona do Médio Oeste, na eleição presidencial.

O general MacArthur, com a sua correspondência ao «congressman» Miller, parece ter aprovado os pontos de vista políticos dos que apoiam a sua candidatura, não se afastando desta forma da eleição presidencial. Trata-se, por isso, de saber se a «campanha favorável a Dewey» pode obter o mesmo êxito que aquela, longamente planeada de deter Willkie, campanha, esta que alguns atribuem ao antigo presidente, Herbert Hoover, e dizem ter sido lançada há cerca de 6 meses.

Por outro lado, reconhece-se que o emprêgo do nome de MacArthur pelos isolacionistas lhe fez já perder muito prestígio nos círculos militares, assim como se vê que a onda favorável a Dewey nos círculos republicanos é muito grande para se poder paralisar. O unico resultado das ultimas evoluções será um grave declínio da popularidade de MacArthur no espirito publico. Esta maneira de ver baseia-se no sentimento e receio de que ele e os oficiais que o rodeiam se ocupem de politica em vez de se occuparem exclusivamente de ganhar a guerra. — (R.).

A GENTE DE MONFORTINHO

viu um avião ao pé de si...

O nosso correspondente em Monfortinho manda-nos noticia de muito primor e, principalmente, de grande sensação para as populações daquela região, tão afamada por suas riquezas termas. Eis as palavras com que começa a noticia:

«Pela primeira vez na Historia, pousou ontem nas termas de Monfortinho um avião».

O acidente não teve, como tal, qualquer significação. Um avião de treino fez no local uma descida de recurso e voltou, daí a três horas, a tomar altura para continuar sua viagem. Mas veio gente das redondezas, gente que nunca tinha visto perto de si um aveião de tal natureza, com motor roncante e pessoas vivas lá dentro, tudo aquilo muito trepidante e com ares quasi diabolicos — como se poderia supor — há quasi meio seculo... Em tempos felizes de paz, a saborosa ingenuidade dos povos do arrabalde de Monfortinho poderia fazer sorrir. Hoje, quando muito, pode suscitar justa razão de inveja, ao menos da parte de tantas populações, por esse mundo fora, que sabem de todas as maneiras como são os aviões — e para que endeminhados efeitos sabem os homens servir-se deles.

Os comunicados alemão

GRANDE QUARTEL GENERAL DO FUERER, 20. — O Alto Comando das Forças Armadas alemãs comunica:

«A nordeste de Sebastopol foram repellidos novos ataques bolchevistas e um grande numero de tanques foi aniquilado. Em combates aereos foram abatidos 36 aviões inimigos e 20 outros destruidos no solo.

No Dniester inferior, as nossas tropas registaram, em duros combates, um pleno êxito defensivo contra os sovietes que atacaram com varias divisões de ambos os lados de Tichina.

Entre os Carpatos e o Dniester superior, os bolchevistas, que se defendem com encarniçamento, foram repellidos para mais longe, em colaboração intima com as esquadilhas da aviação de batalha. Os contra-ataques inimigos ficaram sem êxito.

No sector de combate a sudoeste de Tarnopol, malograram-se fortes ataques sovieticos.

Foram efectuadas, com êxito, varias operações contra bandos sovieticos na retaguarda do centro da frente. Os bolchevistas perderam mais de 1.000 mortos. Foram destruidos mais de 100 acampamentos e foi apreendido importante material.

A sudoeste de Narva, as nossas tropas invadiram as posições inimigas fortemente protegidas e avançaram através dos pantanos dificeis de atravessar, contra uma resistencia encarniçada do inimigo. Os sovietes registaram perdas elevadas.

Na testa de ponte de Nettuno, malogrrou-se uma offensiva inimiga sob o fogo da defesa, a noroeste de Littoria.

Aviões americanos afundaram no dia de ontem, ao largo da costa meridional francesa o navio hospital sueco «Embla A».

Bombardeiros inimigos atacaram, na manhã de ontem, varias localidades situadas no oeste e no centro da Alemanha.

Sobretudo nas cidades de Kassel e de Paderborn, foram causadas devastações e a população teve perdas. Foram aniquilados 31 aviões inimigos.

Na noite passada, aviões de combate alemães atacaram objectivos no sector de Londres. — (D. N. B.).

Comunicado sovietico

MOSCOVO, 20. — Comunicado: «Na Crimeia, continuam a ferir-se violentas batalhas nos subúrbios de Sebastopol. Ontem expulsamos o inimigo de numerosos pontos, poderosamente fortificados. No campo de batalha ficaram 1.300 soldados romenos e alemães mortos e centenas de feridos. Fizemos 987 prisioneiros alemães e romenos e apreendemos muito material. As nossas forças aereas e navais continuam a bombardear Sebastopol, onde se deram grandes incendios e explosões. Todos os barcos que se encontram naquela base estão destruidos ou danificados. O inimigo emprega todos os esforços para retardar ao maximo a completa occupação da Crimeia. Entre Balaklava e Sebastopol, os nossos aviões não cessam de atacar e metralhar as tropas alemães e romenas, concentradas nas praias para evacuação a Crimeia. Ontem destruíram-se mais 10 barcos, repletos de inimigos. Depois de ocuparmos Balaklava, proseguimos no avanço sobre Sebastopol. O inimigo teve mais de 3 mil mortos e perdeu muito material. Fizemos 1.278 prisioneiros alemães e romenos.

A leste e ao sul de Eistanislav, 125 kms. ao sudoeste de Lvov, o inimigo continua a contra-atacar com poderosos efectivos militares de infanteria.

O GRANDE CONCURSO

«Qual a vedeta mais popular da nossa radio?»

Luiz Picarra continua a frente! Mas trava-se rija luta entre ele e Maria Sidonio, Maria da Graça e Maria Gabriela. Quem vencerá? A victoria de qualquer destas artistas depende apenas dos seus admiradores. Votem nelas!

Os valiosos premios deste concurso estão já em exposição na montra da Casa Sasseti, na rua do Carmo. Admirem-nos! São eles: 1.º — Um aparelho de telefonia «Paillard»; 2.º — Um relógio de pulso para senhora, «Longines»; 3.º — Um estojo de toilette, «4.º — Um lote de perfumarias «Jour de Noël»; 5.º — Uma caixa de vinho do Porto «Ramos Pinto»; 6.º — Uma caixa de vinho do Porto «Ferreirinha». Estes premios serão sorteados entre aqueles que votarem nos 6 primeiros artistas classificados. Leia as condições deste sensacional concurso no numero de hoje de «Vida Mundial Ilustrada».

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 275 27

V. Ex.ª tem no seu prédio um ascensor, um monta-cargas?

Se V. Ex.ª efectuar o seu seguro contra responsabilidade Civil na

ULTRAMARINA

ficará liberto de pesadas responsabilidades.

Sede em Lisboa: Rua da Prata, 108 (Edificio proprio)—Telef. 23348/9 P. A. B. X.

os de guerra

e russo

Antaria e de tanques. Todos os ataques foram pelidos e calcula-se que o inimigo tenha sido 6 mil baixas e perdido enormes quantidades de material. A luta neste sector prossegue para a maior violência.

Ao norte de Jassy abrimos novas brechas nos sistemas defensivos do inimigo, pelas quais penetramos as nossas unidades blindadas, que ocuparam varias localidades. Fizemos 1.000 prisioneiros e desmantelámos tanques, 42 canhões, 40 morteiros, etc.

Entre os Cárpatos e a região situada a leste de Eranislau, os alemães concentraram enormes porções de tanques e de outro material, estão a ferir-se furiosas batalhas com pesadas artilharias para ambos os lados.

A oeste de Tarnopol, lançámos poderosos ataques coroados de completo êxito. Aniquilámos cinco batalhões inimigos de infantaria e outro ponto cercámos 1.000 soldados alemães, que estão a ser exterminados.

Na Bukovina oriental, depois de formidáveis combates, ocupámos novas povoações e causámos ao inimigo um duro desgaste em homens e armamento. Devido a uma rápida e habil manobra estratégica, cercámos importantes forças inimigas e fizemos 1.472 prisioneiros.

As nossas forças aéreas voltaram a bombardear intensamente o importante entroncamento ferroviário de Lvov, onde completaram as destruições iniciadas na véspera e os portos romenos de Constanza e Sulina. —(U. P.).

A contra-ofensiva alemã a oeste de Tarnopol

LONDRES, 20.—O crítico militar do Daily Express, Morley Richards, diz hoje que von Manstein tenta estabelecer uma cunha na frente russa a oeste de Tarnopol. O articulista diz: «O objectivo é bloquear o avanço do I sobre Lvov e desorganizar as linhas laterais de abastecimentos do exército russo, que avança paralelamente aos Cárpatos, no vale de Sath. E' o supremo esforço dos alemães para conservar os russos afastados da Europa central. Esta contra-ofensiva alemã deve desenvolver-se com grande energia, com o mesmo esforço que os alemães empregaram para deter o avanço dos russos na batalha de Kiev, em dezembro ultimo». —(Reuters).

ma não será declarada

cidade aberta

PELAS NAÇÕES UNIDAS

LONDRES, 20.—O redactor político «News Chronicle» diz que as Nações Unidas não tencionam declarar uma cidade aberta e prossegue: «O ponto tem de ser considerado em conjunto e seria necessário que os alemães retirassem de Roma todos os soldados, todo o seu material de guerra, o seu Q. G., e deixassem de utilizar as comunicações da capital. Agora não ha qualquer indício de que o inimigo se disponha a isso. O ponto de vista oficial em Londres e em Washington é que os alemães devem ser considerados os responsáveis por quaisquer estragos que possam ser usados a Roma pela ofensiva dos alemães». —(R.).

A PARTIDA DO TEJO

os primeiros lugres bacalhoeiros

Com destino aos bancos da Terra Nova, deparar hoje do Tejo o primeiro grupo de luges bacalhoeiros, constituído pelos barcos «Luptuno» 2.º, «Julia I», «Ana Maria», «Leonina», «Maria Carlota», «Ana I.» e «Lupina» 3.º, e chefiado pelo navio-motorista Maria Madalena, a bordo do qual o sr. 1.º tenente Sequeira Zilhão.

Os navios que devem sair hoje compreendem a de 300 homens de equipagens.

0 dia descobre a terra, a noite descobre os céus.

E na GRANDE OURIVESARIA DA MODA descobrem-se as mais lindas pulseiras, os mais artísticos afonetes e brincos, e os preços mais acessíveis.

Rua da Prata, n.º 257 (Esquina da Rua Santa Justa).

Foi afundado

por aviões ingleses

um vapor espanhol

BERLIM, 20.—A «Interinf» anuncia:

«O vapor espanhol «José Illueca» foi atacado, na tarde de 15, por 8 aviões «Bristol-Blenheim», á bomba e com armas de bordo, em frente da costa meridional francesa.

O barco afundou-se nas imediações do porto de Vendres.

Não há notícias sobre o destino da tripulação espanhola. —(D. N. B.).

A luta na Birmânia

Colunas inglesas avançam em socorro da guarnição de Kohima

CALCUTA, 20.—Rompendo uma série de obstáculos, as tropas britânicas avançam para sul, vindas de Dimapur, principio do caminho de ferro de Bengala a Assam, e conseguiram estabelecer contacto com as tropas britânicas e indianas cercadas em Kohima, 70 quilómetros no interior da fronteira indiana. Os observadores junto do exército descrevem a forma como a guarnição de Kohima se manteve contra uma força nipônica superior, que a atacou sem cessar. Uma patrulha britânica entrou em contacto com as tropas cercadas e o grosso das forças avançou até uma distancia de 1.000 metros das posições defendidas pela guarnição de Kohima.

Do topo da colina, ocupada pela vanguarda britânica, já se distingue a zona em que a guarnição se mantém. Os abastecimentos tinham de ser lançados pelo ar, não só para a guarnição mas para grande numero de não combatentes que não podiam sair da cidade. Eram de continuo metralhados e atacados por morteiros. —(R.).

14 fuzilamentos na Bélgica

ESTOCOLMO, 20.—Um comunicado publicado na Belgica anuncia o fuzilamento de mais onze cidadãos belgas chamados Labyt, Biernaux, Van Gerven, Panis, Esser, Van Sepoel, Van Britson, Bergsma, Rohers, Grobet e Bierwart, acusados de fornecer informações militares aos Aliados.

Na provincia de Liège foram fuzilados mais dois belgas, acusados de ter atacado uma patrulha alemã. Finalmente um outro, chamado Georges Baudart, foi também executado por pertencer a um grupo de resistência nas Ardenas. —(U. P.).

Novo chefe do Estado Maior do Exército húngaro

BUDAPESTE, 20.—O regente nomeou o Cavaleiro Jean Voeroes, comandante do 2.º Corpo de Exército, para o lugar de chefe do Estado Maior do Exército.

O chefe do Estado Maior actual, general Francisco Szombathelyi, foi demitido das suas funções, a seu pedido. —(D. N. B.).

VIAJANTES

Regressa aos Açores o sr. dr. Antonio Gaspar Read Henriques, advogado em Ponta Delgada e director do nosso prezado colega. Correio dos Açores. Esteve em Lisboa algumas semanas, durante as quais teve ocasião de apreciar as simpatias que lhe votam os seus amigos e admiradores.

Foi entregue

solenemente

a Hugo Rocha

o «Prémio

Ricardo Malheiros»



Hugo Rocha

Com a nobreza dum verdadeiro acto espiritual, a Academia das Ciencias entregou hoje ao distinto escritor e jornalista portuense Hugo Rocha o «Prémio Ricardo Malheiros — 1943», com o qual distinguio o romance regional «Gentio branco». Trata-se duma obra de excepcional valor, que vem confirmar, notavelmente, os dotes literarios do autor de «Bayette», livro premiado em concurso pela Casa da Imprensa. Hugo Rocha foi simpaticamente acolhido na Academia das Ciencias.

Num ambiente extremamente lisonjeiro, viu-se o sr. dr. Caeiro da Mata, que fez a entrega do «Prémio Ricardo Malheiros», outros membros da douta instituição, escritores, jornalistas, etc. O sr. dr. Caeiro da Mata, em eloquentes palavras, salientou o merito da obra galardeada, significando, depois, expressivamente, o seu apreço ao nosso illustre camarada.

Hugo Rocha fez um interessante discurso, denso de conceitos literarios e de forma brilhantissima, do qual extraimos duas passagens: «Concorri, pela primeira vez, ao «Prémio Ricardo Malheiros», não só sem a ambição, que não seria legitima, de o ganhar, mas tambem com a convicção de o perder, dado o conhecimento que tinha, por leitura, dalgumas obras, por ventura concorrentes, que haviam obtido, por parte da critica e do publico, acolhimento extraordinariamente favoravel. Certo, não vou levar a modestia propria, que, nesse caso, se tornaria suspeita, além de pretensiosa e ridicula, ao ponto de considerar destituído de todo e qualquer merito o romance «Gentio branco», que constitua o meu titulo de candidatura ao concurso. Se o considerasse indigno de concorrer, é obvio que não o teria apresentado. Recusava-me, porém, em meu foro intimo, a admitir a possibilidade de triumphar numa competição em que, certamente, participavam escritores mais conhecidos e festejados do que o obscuro autor daquela obscura obra e cujas obras haviam merecido o safrago de inumeras e entusiasticas admirações. Pessimista, por via de regra, no que me respeita ou interessa, esperava o pior — e o pior, nesse caso, era não dar nas vistas severas e imparciais dos juizes de todos nós, concorrentes...».

E depois: «A homenagem prestada ao romance por este glorioso gremio de homens de letras acrescenta ainda uma attitude significativa de quanto é desempoeirado, moderno, actual o parecer dos juizes que emitiram juizo, por modo tão honroso para a obra e o autor, acerca do romance «Gentio branco». Salientando-a, pretendo vincar a admiração e a estima que ela me provoca e acentuar que não devem ser-lhe indiferentes os romancistas que, como eu, entendem que o romance, representação da vida com tudo quanto a vida comporta de bom e de mau, deve exprimir — com arte, evidentemente — tanto as grandezas como as misérias do mundo, não descendo á morbida exploração da fisiologia e da psicologia humanas, mas não occultando, tambem, por concendencia com certo publico que não tolera a publicação em letra de forma daquilo que não constitua segredo para ninguém e em que toda a gente fala, o que há de fundamental e essencial na natureza psico-somática da criatura, que o Criador não fez perfeita. Para chegar á perfeição é indispensavel, quanto a mim, se não percorrer, ao menos conhecer o caminho da imperfeição que a vida — a de nós... — nos abre e oferece».

Uma hora perturbada

No dominio militar assistimos, neste momento a um ensaio gigantesco da guerra de nervos, que é de todos os tempos e de todas as latitudes. No dominio politico atravessamos um periodo de perturbação evidente, em que as noticias se contradizem com uma rapidez desconcertante e os boatos tomam o lugar das noticias seguras e incontroversas. E' o ambiente que tradicionalmente precede as grandes decisões.

A primavera tem sido, no decurso deste conflito, a estação das iniciativas que decidem, por largo tempo, da sua evolução. Em 1940, a Wehrmacht desencadeou o seu ataque no ocidente da Europa, liquidando a resistencia da França e ocupando a zona costeira que devia permitir-lhe o assalto á ilha britânica. Um ano depois liquidou o episodio balcanico expulsando os ingleses do continente e estabelecendo-se solidamente no «glacis» africano. Tomadas essas medidas de precaução, os seus chefes atacaram a leste iniciando a campanha germano-russa.

A primavera de 1942 foi assinalada pela prova de força que devia levar nesse ano á decisão da guerra. Os alemães, tendo-se instalado em posições predominantes e beneficiando dum sistema inegualavel de linhas de comunicações interiores, lançaram-se na direcção do Cáucaso, a leste, e na direcção do Suez, ao sul, procurando, simultaneamente, cortar a rota dos abastecimentos que alimentavam a resistencia da metropole britânica.

No ano seguinte o sinal da luta mudara, mas foi ainda na primavera que vimos tomadas as grandes decisões que deviam encaminhar o curso da guerra nesse ano. As Nações Unidas criaram a plataforma africana e reforçaram a plataforma britânica realizando as condições indispensaveis para desencadear, eventualmente, uma ofensiva contra o continente. A batalha da Tunisia e o colapso italiano prepararam o clima militar e diplomatico em que a sua acção ia prolongar-se ao longo de todo o ano.

Em abril de 1940 a Noruega foi ocupada e em abril de 1941, ao mesmo tempo que o marechal List fazia com êxito a sua experiencia de «blitz» nos Balcanos as asas da Luftwaffe dominavam o Mediterrâneo. Em abril de 1942 a R. A. F. iniciava a destruição sistemática dos centros de produção alemães ao mesmo tempo que os cardumes de submarinos alemães levavam a sua acção até o Mar das Antilhas. Em abril de 1943 a contra-ofensiva sovietica, a partir de Estalinogrado, afastava a Wehrmacht do Cáucaso e do Don e o general Alexander realizava a marcha que devia conduzir o «Afrika Korps» a uma reedição de Dunkerque ou á rendição incondicional. O fio que liga esses episodios constitue a interpretação mais ajustada do desenvolvimento da guerra iniciada há quatro anos e meio.

Invariavelmente a preparação e a marcha desses acontecimentos appareceram acompanhadas pela multiplicação das noticias que os factos não confirmaram e pela variedade prodiga das informações interessadas e suspeitas. O que se passou ao longo de quatro anos deve considerar-se apenas como um ensinamento para aquilo que se prepara. Em 1940 a destruição do exercito francês, em 1941 a invasão da Russia, em 1942 a chegada ao Suez, em 1943 a desarticulação do bloco totalitario, eram os objectivos predominantes que encaminhavam os beligerantes e era para a sua realização que tendiam todos os seus esforços e se orientavam todas as suas intenções.

Em 1944 é da abertura da segunda frente (ou mais propriamente do assalto anglo-americano ao litoral europeu) que se trata. O espectáculo a que assistimos repete aquele que nos foi dado presenciar em 1940. Há quatro anos o nosso continente era o trampolim de onde devia ser atingido o coração do poderio britânico e anulada previamente qualquer tentativa de resistencia extra continental. Em 1944 é da ilha britânica que será desferido o golpe que pretende aniquilar a força militar alemã. As posições dos beligerantes inverteram-se. Os seus metodos não variaram sensivelmente. São eles que caracterizam esta hora perturbada.

ENORME SORTIDO...

De pulseiras modernas e cigarretas em ouro encontra V. Ex.ª na OURIVESARIA PORTUGAL por preços convidativos. ROSSIO, 122 (Esq. R. Betesga)

SE VIAJA

EM NAVIO OU AVIÃO

SEGURE-SE CONTRA

Acidentes Pessoais, incluindo riscos de guerra

na

Companhia de Seguros IMPERIO

R. Garrett, 56 — LISBOA

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa de Lierta, D. Regina Ramalho Pinto da Fonseca Couto, D. Maria Ana Pereira da Cunha, D. Ana da Camara Borquó, D. Carlota Isabel Anselmo de Siqueira (S. Martinho), D. Maria Vitorina Palma Cristina Monteiro e D. Maria Helena Matos Rodrigues Consolado.

CASAMENTOS

Realizou-se em Esmoriz o casamento da sr.^a Mariana da Silva Porção, filha do importante industrial sr. Pedro Maria da Silva Porção e da sr.^a D. Julia Saldida Porção, com o sr. Antonio Ferreira da Silva, filho do sr. Salvador Ferreira da Silva e da sr.^a D. Deolinda Ferreira da Silva, naturais daquela localidade. Foi celebrante o reverendo padre Joaquim Cunha, pároco da vizinha freguesia de Cortegaca. Os noivos vieram passar a lua de mel, em Lisboa.

Elisa d'Oliveira

MODISTA

Executa os mais «chics» vestidos de baile, práticos e de «toilettes».

Av. da República, 4, r/c-D. — Tel. 49167

Feira Popular de Lisboa

Foi concedido pelo Fundo do Desemprego um subsídio de 50 contos correspondente a 50 por cento dos encargos de mão de obra previstos para os trabalhos de instalação da Feira Popular de Lisboa, que este ano, como no ano passado, será organizada no parque de Palhavã pelo nosso prezado colega «O Seculo».



A máquina de grande categoria ao alcance de todos. É mais fácil e mais barato do que fotografar.

PAILLARD

A grande marca suíça que se vende em todas as casas de artigos fotográficos do país.



ÚNICOS DEPOSITÁRIOS
ROSA & ADELINO Lda
TELEF. 2 0518 - RUA DA MISERICÓRDIA, 11 - LISBOA

ARQUITECTO

José Urbano Monteiro de Castro

FALECEU

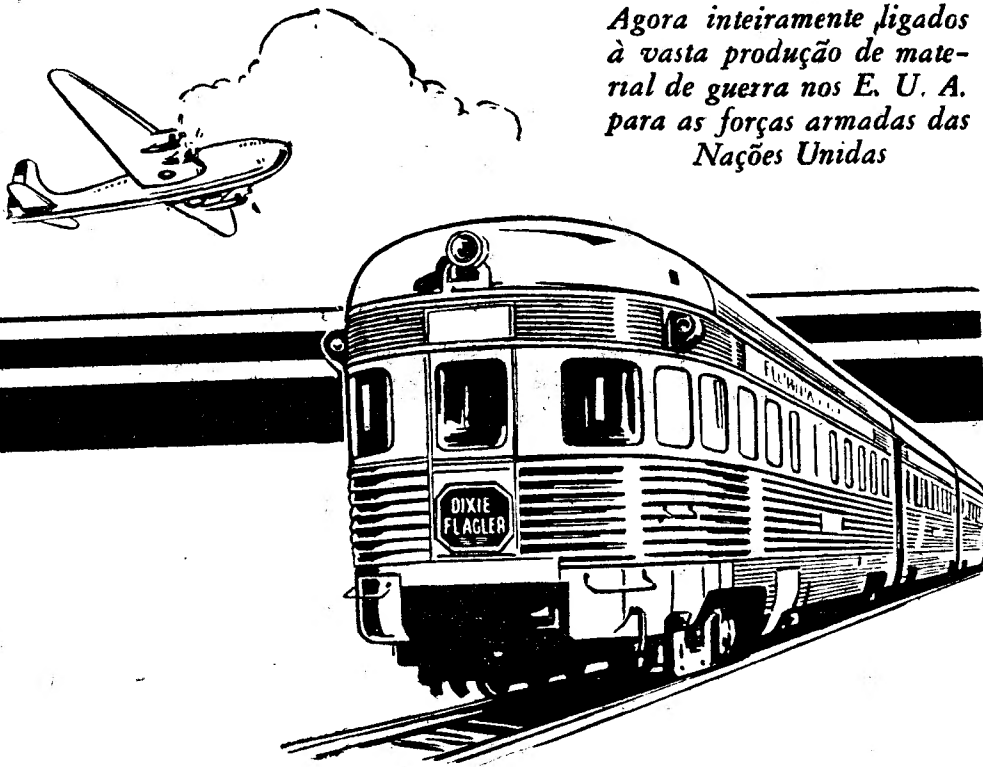
Sua esposa, irmãos, cunhados e mais família participam o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, em auto-funebre, pelas 11 horas, saindo da sua residência, rua de S. Bento, n.º 289, 1.º, para o cemitério Oriental, onde deverá chegar pelas 11 e 30.

AGENCIA «SRAF»

BUDD

Para os caminhos de ferro do futuro — comboios em aço leve e inoxidável, para passageiros desenhados e fabricados, por BUDD. Fabricantes de estruturas de camions pesados, aviões, automoveis e navios.

EDWARD G. BUDD MANUFACTURING COMPANY
PHILADELPHIA, E. U. A.



Agora inteiramente ligados à vasta produção de material de guerra nos E. U. A. para as forças armadas das Nações Unidas

LINHA YBARRA

Serviço expresso de passageiros e carga para

PUERTO CABELLO (VENEZUELA),
RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO
e BUENOS AIRES

O PAQUETE

«CABO DE BUENA ESPERANZA»

(21.350 toneladas)

ESPERADO EM 7 DE MAIO

AGENTES

EM LISBOA
AGENCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, Lda
Rua de S. Paulo, n.º 9, 1.º
Telefone 2 7264

NO PORTO
KENDAL, PINTO BASTO
& C.ª, LIMITADA
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 370

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Neker—Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sífilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, às 15 horas
TELEFONE 2 9082



BASILISA PEDROSA

Parteira diplomada

Rua Augusta, 275-4.º — Tel. 29607

José Antunes Ayres Buraca

MISSA DO 30.º DIA

Seus filhos, noras, irmão e mais família participam a todas as pessoas amigas que, amanhã, 21, pelas 10 horas, na igreja dos Martires, será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo, desde já, às que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Antonio Duque Junior

FALECEU

Ana Maria Castela Duque, seus pais, irmãos, sogros, cunhados e mais família participam o seu falecimento, e que o funeral se realiza amanhã, dia 21, pelas 10 e 30 horas, da Casa Mortuaria do Hospital Escolar (Santa Marta) para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

Organização corporativa

(Continuação da 1.ª pag)

O professor Ruy Ulrich frisou serem os contratos de trabalho os documentos em que se consubstanciam as melhores conquistas da legislação de trabalho, e a propósito fez o paralelo do que ha hoje, em materia de legislação de trabalho, com o que havia quando ingressou na vida publica, salientando, portanto, o avanço social. A assinatura do novo contrato—afirmou—confirmará a solidariedade já existente entre as empresas e aqueles que a servem. Falou também da necessidade do estabelecimento da Caixa de Previdência.

O sr. Francisco de Amorim salientou a circunstancia da rectificação respeitar apenas a pontos de pormenores.

Por fim, falou o sr. dr. Trigo de Negreiros. Disse que os contratos têm melhorado a situação moral e material, e não só no aspecto de salários, de milhares de pessoas, aproximando os empregados das empresas. Referiu que é grande, realmente, a diferença entre os textos legais de hoje e do passado, mas que essa diferença é ainda mais impressionante na sua projecção no domínio dos factos, pois não basta fazer leis, impõe-se a sua execução. Depois de traçar o quadro dessas diferenças de legislação, aludindo á repartição e a uma magistratura própria do trabalho, o sr. subsecretário das Corporações terminou, dizendo que a Caixa de Previdência representa um problema que está a ser estudado teoricamente, devendo resolver-se o mais breve possível.

TAUROMAQUIA

A corrida de ontem, em Sevilha, ficará memorável

SEVILHA, 20. — A corrida de ontem, ao contrario da da vespera, que não despertou curiosidade por aí além, teve uma enchente total. Os touros, de Antonio Perez, saíram bravos e proporcionaram excelente lide. «El Estudiante» comportou-se com grande valentia. Manolete, verdadeiramente extraordinário, cortou três orelhas. Pepe Luiz Vasquez, toreiríssimo, deu a volta ao ruído, no meio de entusiasmo indescrevível. A corrida fica memorável no livro da Feira deste ano.—«EL T. P.»

CRIME GRAVE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 20.—As autoridades receberam ordem para prender João Nunes Paulino, jornalista, desta vila, acusado de crime grave. Ao chegarem, porém, a sua casa, já ele se tinha evadido.

O preço da energia electrica

Foi autorizada a Hidro-Electrica do Alto Alentejo a elevar de 20 por cento as suas tarifas contractuais de venda de energia electrica, a partir de 1 de maio de 1944.

VANTAGEM

O mobiliário e estofos do AO CONFORTAVEL reúnem a Arte e Conforto a preços vantajosos

RUA DA PALMA, 109-115

Teatros e Cinemas

(Continuação da 3.ª pag.)

de uma revista-popular, fará a reposição de uma opereta que teve um grande exito há uns anos em Lisboa.

—Amanhã será cantada, no Variedades, pela companhia espanhola, a zarzuela «La Doloresa», musica do celebre maestro Serrano.

Primeiras exhibições

«Sete namoradas», no Odéon e no Palacio

Imagem! Mas não julguem que se trata, propriamente, da historia de um Casanova ou de um Don Juan. Nada disso. Sete raparigas em flôr, graciosas, na doce idade dos sonhos nupciais. A comedia é bonita, delicada, duma comovente finura romantica. Vemos o lar holandês duma familia que emigra para a America, com o seu ambiente de bondade e os seus costumes patriarcaes. O realizador dá-nos sete casos de amor, outras tantas almas de mulher, obrigando-nos a simpatizar com todas. Cada uma, naturalmente, tem o seu problema, que o destino se encarrega de resolver com elegancia e ternura. O sentimento e a graça alternam-se, deliciosamente. Desempenho brilhante. Kathryn Grayson enche o filme de lindas canções. Complementos valiosos.—Visor 41.

LÁ POR FORA

A actriz Lina Yegros terminou o seu contrato no Poliorama, de Barcelona, representando a peça «La mano de Alicia», de Augusto Martinez Olmedilla.

—Leu-se no teatro Zarzuela de Madrid, a peça «Tarambana», de Antonio Paso e Manuel Paso, que será a estreia da companhia de Martinez Soria e Laura Pinillos.

Sábado: estreia, no Coliseu, da Grande Companhia de Opera, com o célebre divo Lauri Volpi, na «Bohème»

O acontecimento artistico de maior repercussão na nossa capital é incontestavelmente, a temporada lirica no Coliseu. Ela é ansiosamente esperada por todo o publico amigo de boa musica. E a prova é a extraordinaria afluencia que as bilheteiras têm registado todos os dias, de milhares de pessoas que têm feito marcações de bilhetes, escolhendo os seus lugares para as primeiras representações e recitas

extraordinarias. Finda hoje, entretanto, o prazo para essas marcações. Deve, pois, o publico, que deseje os seus lugares assegurados e á sua vontade, aproveitar este dia para fazer as marcações dos bilhetes que quiser para todas as primeiras representações e recitas extraordinarias.

A companhia, que vem dar 10 espectaculos apénas, estreia-se no proximo sabado, em recita extraordinaria com o celebre divo Lauri Volpi, e com a bellissima opera de grande espectaculo: «Bohème», de Puccini.

C-A-R-T-A-Z

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Raça».

AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Zé do Telhado».

APOLLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A Rosa cantadeira».

MARIA VITORIA—A's 20 e 45 e ás 23—«A mulher do padreiro».

VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«D. Mariquita de mi corazon».

CASABLANCA—«Music-hall» e variedades.

CINEMAS

S. LUIZ—«Olá, amigos!».

TIVOLI—«O ceu pode esperar».

EDEN—«O magnifico preguiçoso».

POLITEAMA—«Discordia».

TRINDADE—«A corça de ferro».

CONDES—«Gente a mais... e casas a menos».

GINNASIO—«A sua maior causa».

ODEON—«Sete namoradas».

PALACIO—«Sete namoradas».

CAPITOLIO—«O soldado de chocolate».

CENTRAL—«O Ladrão de Bagdad».

OLIMPIA—«A grande batalha».

TERRASSE—«A cicatriz do mal».

REX—«Balalaika».

LYS—«A cicatriz do mal».

JARDIM CINEMA—«Falstaff em Viena».

PROMOTORA—«Miami».

A VOZ DO OPERARIO—«Nunca serás rico».

SALAO IDEAL.

Amanhã, no Porto

SÁ DA BANDEIRA—A's 21 e 45—«Hino á vida».

COLISEU DO PORTO—A's 21 e 30—Companhia de Circo.

S. JOÃO CINE—«Bel Ami».

TIVOLI—«A vingança dos mortos».

TRINDADE—«Destroyer».

AGUIA DE OURO—«O ultimo refugio».

OLIMPIA—«Hotel de sarihos».

BATALHA—«Bandidos».

CARLOS ALBERTO—«Rebecca».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Electuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	964\$	963\$	965\$
Consolidado 3% T. 10	1.005\$	1.004\$	1.005\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.039\$	1.038\$	1.039\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.030\$	1.028\$	1.030\$
Consolidado 4% T. 10	1.013\$	1.013\$	—
Consolidado 4 3/4 T. 10	1.110\$	1.109\$	1.111\$
Centenarios 4 % ...	2.393\$	2.392\$	—
Obgs. Tes. 3 1/2 T. 10	1.060\$	1.058\$	1.061\$
Externas 1.ª série ...	—	1.820\$	—
Externas 1.ª carimbadas	—	1.800\$	1.809\$
Externas 3.ª série ...	—	1.800\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.800\$	1.900\$
Caut. 3.ª série s/ juro	280\$	—	280\$
Do Brasil			
Emprestimo:			
5% 1895, T. 100 £...	—	3.805\$	3.900\$
5% 1903, Porto Rio,	—	—	—
Titulos de 100 £.....	—	5.450\$	5.500\$
5% 1914, F. T. 20 £...	6.000\$	6.000\$	6.100\$
Ações			
Esp. St. e C. Lx.ª port.	2.600\$	2.600\$	2.610\$
Lisboa e Açores port...	—	875\$	885\$
Ultramarino cp. T. p.	350\$	349\$	351\$
Portugal port. T. p....	1.605\$	1.600\$	1.605\$
Mundial... ..	—	1.400\$	1.620\$
Tagus	—	—	5.000\$
Agua Lisboa 1934 T. p.	—	—	249\$
Cervejas Estrela ...	—	—	1.940\$
Cimentos Tejo... ..	485\$	480\$	485\$
Cimentos Leiria T. p....	775\$	770\$	780\$
Credito Predial por. ...	28\$	28\$	29\$
Gás e Electricidade cup.	270\$	270\$	271\$
Alto Alentejo cupão...	912\$	910\$	912\$
Industrial Aliança... ..	360\$	360\$	365\$
Portugal e Colonias ...	282\$	282\$	282\$
N. de Navegação T. p.	1.052\$	1.050\$	1.052\$
Colonial de Navegação	1.395\$	1.391\$	1.395\$
Ind. Farmaceutica	—	1.210\$	—
Port. Tabacos cupão...	—	545\$	549\$
Tabacos Portugal cupão	—	—	670\$
União Electrica Portug.	520\$	519\$	520\$
Cassequel	899\$	899\$	900\$
Agricola das Neves ...	680\$	679\$	685\$
Agricultura Colonial ...	435\$	430\$	445\$
Açucar de Angola.....	1.357\$	1.355\$	1.358\$
Buzi 1.ª emissão T. p.	186\$	186\$	186\$
Rocha Vista Alegre. ...	—	365\$	385\$
Zambezia T de 25...	75\$	74\$	75\$
Obrigações			
Agua de Lisboa 5%...	565\$	—	—
Norte de Portugal 5%	—	114\$	116\$
C. P. 6 %	—	210\$	230\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	218\$	240\$
União Elect. Port. 5%	109\$	109\$	110\$

Carcavelos

Chalet com 12 divisões e jardim aluga-se com mobilia e louça até fim de Agosto.
Para tratar 56, R. Carmo, Lisboa.

PRAZER

Em fazer a barba diariamente, consegue-se usando
LOÇÃO BALSAMICA «KIT»

SCHAUB
RADIO
O MUNDO AO VOSSO ALCANCE

TORERO
A UNICA PASTA DENTIFRICA
QUE EMBELEZA A BOCA

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS
Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros
Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País. — Escudos 15\$00

THO-RADIA
FAZ PARTE DA SUA TOILETTE

A esquadra de Somerville bombardeou Sumatra

LONDRES, 20.—O comunicado do Almirantado britânico anuncia que ontem forças navais aliadas, do comando do almirante sir James Somerville, atacaram com êxito Sabang, no extremo norte da ilha de Sumatra. As forças aliadas não sofreram quaisquer perdas. Novos portos menores serão tornados públicos logo que seja possível.—(R.).

A importância e significado do ataque

LONDRES, 20.—O crítico naval da Reuter escreve: «O ataque das forças navais a Sabang, no extremo norte da ilha de Sumatra, segue-se quase imediatamente ao anúncio da transferência do Q. G. das forças de terra dos Aliados para a ilha de Ceilão. Sabang fica a meio caminho entre Ceilão e Singapura. Dispõe de um excelente porto e poderia ser escolhida pelos japoneses para uma das suas bases avançadas, na hipótese de projectarem operações substanciais no Oceano Índico. Foi ocupada pelos japoneses em março de 1942. Em dezembro seguinte, a aviação naval dos Aliados realizou um violento ataque a esse objectivo sem ter sofrido qualquer perda. O ataque de ontem foi realizado, segundo é de presumir, por grandes unidades navais, operando em cooperação com forças aéreas. Pode constituir o primeiro duma série de ataques a bases japonesas dentro do raio de acção da esquadra britânica no Índico, à semelhança dos ataques da esquadra do almirante Nimitz mais ao oriente».—(Reuter).

Um grande ataque a Rabaul

MELBOURNE, 20.—O Quartel General de MacArthur publicou esta manhã um comunicado especial anunciando que esquadras de Fortalezas Voadoras e «Liberators» efectuaram um ataque concentrado a Rabaul, na Nova Bretanha, onde lançaram 720 toneladas de explosivos. O ataque, que incidiu principalmente sobre as concentrações de tropas japonesas, causou um verdadeiro morticínio e a destruição de muito armamento, depósitos de munições e abastecimentos.—(United Press).

A evacuação de Toquio continua a fazer-se

TOQUIO, 20.—No quadro das medidas de evacuação efectuadas actualmente, as autoridades de Toquio e dos arredores decidiram o encerramento de 35 escolas maternas, a fim de obrigarem os pais das crianças a abandonarem a cidade ou a enviarem os seus filhos para os campos.—(D. N. B.).



SE ESTEVE NA CURIA CONTINUE AGORA O TRATAMENTO; SE NÃO ESTEVE COMECE JA



Depósitos da ÁGUA DA CURIA:
No Porto: Alfredo Ribeiro, Rua dos Caldeiros, 109 — Tel. 1-0-1-7.
Em Lisboa: Sousa & Matoso, Lda.
Rua dos Douradores, 100-3. D.
Telefone, 2.3392

Mais reforços alemães para a defesa da costa francesa

ZURICH, 20.—O «Neue Zürcher Zeitung» diz que reina a maior actividade militar ao longo de toda a costa francesa, desde Hendaya até Dunkerque, onde, nas ultimas 48 horas, têm chegado constantemente reforços de tropas alemãs e de material de guerra.

Simultaneamente, milhares de operários especializados procedem apressadamente à reparação das brechas causadas no sistema de fortificações entre o Pas de Calais e Boulogne, pelos consecutivos ataques aéreos aliados.

O mesmo jornal acrescenta que os chefes militares alemães têm procedido a rigorosa inspecção das fortificações e respectivas guarnições, pois os alemães esperam, dum momento para o outro, a invasão.

Idênticas medidas de precaução e reforço foram tomadas pelos alemães ao longo da costa belga e holandesa.—(United Press).

A hora da invasão aproxima-se

segundo um jornal americano

NOVA YORK, 20.—O «New York Times» diz hoje que as Nações Unidas, que se encontram na ofensiva, têm agora o privilégio da surpresa sobre o inimigo. O jornal acrescenta: «Como os preparativos para a invasão são de tal magnitude que não podemos ocultar ao inimigo, o melhor que temos a fazer é mantê-lo atento, espreitando onde e quando será precisamente lançada essa invasão. O processo a conseguir é realizar muitas simulações de ataques, como preconizou o Primeiro ministro, Churchill. Esta tática será mais dura de sofrer para os que esperam o ataque do que para aqueles que o preparam».

Certamente, a hora da invasão aproxima-se e a melhor prova disso é a crescente envergadura dos ataques aéreos dos Aliados. Como o general Eisenhower indicou, a oportunidade da invasão chegará quando a «Luftwaffe» for varrida dos céus e as defesas antiaéreas dos alemães diminuam de eficiência».—(R.).

Os socialistas italianos mostram-se desconfiados da influencia russa

NOVA YORK, 20.—A Federação Socialista Italiana da América aprovou hoje uma moção condenando o projectado governo de coligação na Itália por ser «inspirado pelos comunistas». A moção declara que, além da política errada de Churchill e Roosevelt em relação à Itália, surgiu agora uma tentativa comunista para obrigá-la a constituição de um governo de coligação no sul da Itália. Está agora provado que a proposta dessa coligação foi inicialmente feita pela Rússia. A moção conclui: «Não compreendemos por que a nossa aliada Rússia pretenda desempenhar o papel primordial na Itália. A campanha da Itália tem sido e será principalmente uma empresa militar anglo-americana».—(R.).

Um português que revolucionou as leis da física!

Uma entrevista de Manuel Martinho com Carvalho Serra. Como numa casa de Setúbal se fazem previsões do tempo para quinze dias! Leia o magnífico numero de hoje de «Vida Mundial Ilustrada».

Novo ataque da R. A. F. a Plovdiv

LONDRES, 20.—Bombardeiros da R. A. F. atacaram hoje o entroncamento ferroviário bulgaro de Plovdiv. Destroçaram-se três comboios militares e outros dois de mercadorias. Ficaram a lavrar, em Plovdiv, grandes incêndios.—(U. P.).

Violento «raid» a Malines

LONDRES, 20.—A agência noticiosa alemã disse hoje que vagas sucessivas de bombardeiros americanos atacaram, ontem à noite, o importante entroncamento ferroviário de Malines, a 18 quilómetros ao norte de Bruxelas. Reunem-se ali quatro linhas férreas importantes incluindo as da Alemanha, Holanda e França.—(R.).

Os estragos em Malines

BRUXELAS, 20.—No ataque de ontem à tarde contra Malines, os bairros populosos e edifícios foram fortemente bombardeados.

Houve numerosos mortos e feridos. A igreja de Nossa Senhora de Hanswijck, em pedra lavrada, de estilo ogival primitivo, a qual data do século XIV, assim como um certo numero de velhas casas patricias, foram reduzidas a cinzas.—(D. N. B.).

1940 mortos

nos ataques aéreos às regiões de Paris e de Ruão

PARIS, 20.—O ataque terrorista dos anglo-americanos, na noite de 19, contra a região de Paris e arredores e contra Ruão e arredores causou um grande numero de vítimas entre a população civil.

Os jornais comunicam que o numero de mortos verificado até aqui na região de Paris é de 740 e que o de mortos na região de Ruão e arredores é de 1.200. Conta-se com mais de 1.000 feridos.—(D. N. B.).

Novo ataque à região de Londres

LONDRES, 20.—Comunicado do Ministério da Aeronáutica: «Ontem à noite, registou-se alguma actividade aérea do inimigo sobre o sueste da Inglaterra, incluindo a grande área de Londres. Foram lançadas poucas bombas que causaram ligeiros danos e um pequeno numero de vítimas. Foi abatido um avião inimigo».—(Reuter).

As forças aliadas

na Itália recebem reforços

NAPOLES, 20.—Na testa de ponte de Anzio, desembarcaram novos e importantes contingentes de tropas aliadas e muito material.

Tudo parece indicar que o general Alexander tenha a intenção de desencadear brevemente uma poderosa ofensiva.—(U. P.).

Comunicado aliado

LONDRES, 20.—Comunicado do Q. G. Avançado dos Aliados:

Exército—As nossas patrulhas no sector do Adriático e na testa de ponte de Anzio causaram baixas ao inimigo e fizeram prisioneiros.

Aviação—Caças bombardeiros dos Aliados atacaram pontes de caminho de ferro e outros objectivos da região de Florença. Caças do Comando Costeiro e caças bombardeiros atacaram uma fabrica no Montenegro. Durante a noite de 19 para 20, os nossos aviões bombardearam os portos de Livorno, Piombino e San Steffano.—(Reuter).

Grande leilão de livros

Continua hoje, pelas 21 horas, na Livraria Arcadia, calc. do Combro, 66 e 68, o leilão de obras raras e apreciadas que tanto interesse tem despertado.

Noticias da ultima hora

Dois membros do Governo visitaram a Associação dos Empregados no Comercio e Industria

A Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio e Industria—à rua da Palma—esteve esta tarde em festa, por motivo da inauguração das suas instalações de radiologia, com que ficam dotados os seus serviços de assistência clinica. O acto teve certa importância e solenidade, com a presença dos srs. drs. Mario Pais de Sousa e Trigo de Negreiros, respectivamente, ministro do Interior e subsecretario de Estado das Corporações, que foram recebidos, à entrada do edificio, em nome da associação, pelo sr. Antonio José Bravo e por muitos associados.

Os dois membros do Governo foram acompanhados numa visita às novas dependências e, depois de o sr. Antonio Bravo lhes ter dirigido saudações e agradecimentos pelo interesse sempre manifestado pelo sr. dr. Pais de Sousa para com a instituição, aquele membro do Governo disse algumas palavras de louvor à actividade mutualista e fez varias e oportunas considerações sobre o problema da assistência.

Estavam presentes delegações de outras colectividades mutualistas, designadamente do Montepio Geral, Invalidos do Comercio, Associação dos Empregados do Comercio de Lisboa (S. Cristovão), etc.

LEILÃO NA ALFANDEGA

Os leilões na Alfandega estão a ser concorridíssimos. O de hoje abriu às 14 horas, com muita gente, em bicos de pés, a ver se descobria qual é o objecto que está em praça. A fúria é de tal modo vertiginosa, que chegam a lançar-se ofertas sobre lotes que se ignora o que sejam. Uma mala com roupas usadas, de mistura com outras novas, sobem de 400 escudos a 6 e 8 contos; uma «carpetta» usada vai de 700 escudos a 5 contos; um pequeno relógio, de 200 escudos a 3.750. Depois há um lote vario de talheres. Nem se sabe quantas peças são, mas vai arrematado quasi por dois contos e quinhentos!

Também havia automoveis mas foram retirados da praça. Ficará para outro dia.

Seguiram para a Alemanha os alemães chegados do Brasil

Da estação de Alcantara-Mar, partiu esta tarde o comboio especial com 132 civis alemães, que vieram há dias do Brasil de regresso ao seu país.

A partida assistiram varias entidades officiais portuguesas e alemãs e o sr. dr. João Mendonça do protocolo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros como representante do governo português.

UM GATO ENDIABRADO

pôs a praça de Camões em estado de sítio

Esta tarde, no Camões, um gato que tinha fugido de uma farmacia e trepado a uma arvore—daquelas povoadas, ao pôr do sol, de pardalada chilreante—chegou para fazer parar o transito. Juntou-se gente e gente, que seguiu, verdadeiramente emocionada, as peripecias da «caçada» ao gato. Ao cabo de muitos trabalhos, lá foi possível fazer descer o animal da arvore—e tudo se recompôs. O gato voltou para a farmacia—e cada um voltou à sua vida...

CHOQUE DE VEÍCULOS

Esta tarde, na rua dos Fanqueiros, esquina da de Santa Justa, uma camioneta chocou com um «electrico». Houve ruído e panico, mas apenas uma rapariga que passava recebeu alguns ferimentos de que foi pensada no hospital de S. José. Trata-se de Ilda Luiza Flores da Silva, de 18 anos, empregada no comercio, que, depois de pensada, seguiu para casa.

Companhia Nacional de Navegação

Por falta de numero, foi adiada a assembleia geral da Companhia Nacional de Navegação, que tinha sido convocada para esta tarde.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã em Portugal, segundo as previsões dos Serviços Meteorologicos do Exército: Bom tempo; vento predominante dos quadrantes de N. moderado; possibilidade de trovoadas, durante a tarde; temperatura estacionaria.

Temperaturas extremas de hoje, em Lisboa, até às 16 horas, segundo os registos do Observatorio Infante D. Luiz: maxima, 22,5; minima, 11,5. No mesmo dia do ano passado: maxima, 21,5; minima, 12,2.

AVERUS

A lamina que melhor barbeia

PAGINA LITERARIA

OS NOSSOS CONTOS

Arrependimento

por Antonio Garcia

No grande espelho do guarda-fato Julio via a sua imagem reflectida. Para além dela, o espaçoso quarto, a cama, o lavatório, e sentada no canto oposto Luíza olhava-o silenciosa. Exasperava-o aquele silêncio onde adivinhava uma recriminação. Desejava gritar-lhe, sacudi-la, fazê-la falar fosse o que fosse, mesmo que só injurias dissesse. O nó da gravata tremia-lhe entre as mãos. Fez um esforço de vontade para se acalmar. «Luíza podia pensar o que quisesse, era-lhe indiferente». Pronto. Só faltava vestir o casaco. Alisou uma vez mais os cabelos. Todos estes cuidados deviam parecer estranhos a Luíza. Habitualmente era tão descuidado... Tentou olhá-la, mas não teve coragem, tinha receio de se trair.

—Será preciso levar a gabardine?—preguntou, para dizer alguma coisa.

—Demoras-te muito?—interrogou Luíza como resposta, na sua voz suave, inexpressiva.

—Não sei, isto é, conto não me demorar, mas, compreendes, nada te posso dizer ao certo. —Deu ainda outras explicações, nervosamente, disse que os jantares em casa do editor se prolongavam pela noite adiante, falava-se de tudo, de arte e de política, e o tempo corria tão depressa... Depois, olhando o relógio:

(Continua na 11.ª pag.)



O LIVRO DUMA ALMA

«Coisas do Céu e da Terra»

de RAQUEL BASTOS

Raquel Bastos é uma escritora de qualidade. A sua obra, embora não seja muito grande, tem já hoje um alto valor literário de emoção, de poesia subjectiva, de maravilhosa ternura, de universal fraternidade com os seres e as coisas. Tudo nela é diferente. Não escreve, materialmente, digamos até, visualmente. Não; é uma alma que fala, duma sensibilidade profunda, como estes veios de água que correm, no meio da terra, e que, ao reventar, no peito dum penhasco, nos dão aos lábios uma frescura, uma riqueza de sabor, um trazo de felicidade ignorados.

«Coisas do céu e da terra» é uma colectânea de contos, a que o primeiro dá título ao livro. No de abertura, Raquel Bastos, em tintas etereas, de assombrosa composição, prende o destino duma rapariguinha á luz duma estrela, e leva-a para o céu. A ascensão é extraordinária. A prosa tem acordes musicais. Palpitam asas de anjos; há revoadas de astros, e que do além, ignoramos, torna-se sensível, real, nessa deliciosa ficção poética. Nos outros contos primorosos, há corações espezinhados, vidas truncadas, dramas pequeninos, pudores de sentimentos, alvoradas de sentidos, em gradações suavíssimas, que passam da vida ao sonho, por vezes, em indizível estado de pureza, e outras, que, num trazo fino de sentimento, ficam vibrando dentro de nós, como a corda tensa dum violino.

«Coisas do céu e da terra», de Raquel Bastos é um livro definitivo.

Temos uma literatura regionalista?

A obra de Samuel Maia

O tema de se considerar ou não fundamental para o desenvolvimento das nossas letras coevas a existência duma literatura regionalista, sintese lexicologica das qualidades da grei, tem sido ultimamente desenvolvido pelos nossos criticos mais responsáveis.

Não será excessivamente corajoso afirmar que Portugal possui, hoje, uma das mais afirmativas e das mais substantivas literaturas regionalistas. Desde Camilo, Fialho, Trindade Coelho, incluindo nesta lista ou tabua os «Contos do Tio Joaquim» de Rodrigues Paganino, até Teixeira Gomes na «Gente Singular», Aquilino, dr. Ferreira Soares, numa revelação recentissima, Teles de Carvalho na «Lua Santa», «suite» admirável de contos alentejanos e Miguel Torga—Samuel Maia tem contribuído para a excelencia do nosso regionalismo literario com uma bibliografia notavel, invadindo os capitulos não só da novela, como do conto, do romance e da comedia de costumes beirões com o já agora classico «Braz Cadunha», peça mestra do nosso teatro de declamação dos ultimos decenios.

A riqueza da linguagem, a precisão e a harmonia do vocabulo, a saliencia de todo o pormenor de observação psicologica, a introspecção dos personagens dão aos seus contos e novelas recentes, «Quem não viu», o sabor vicentino dum presepio falado e vivido.

O escritor feito maneando a prosodia tersamente, num desdobrar de termos que perturbam pela espontaneidade popular e beirã, que nos brindou perdulariamente com as paginas modelares da «Historia maravilhosa de D. Sebastião, imperador do Atlantico», livro profetico e ex-voto bandarriano, debruça-se num interesse substancial sobre a alma dos rudes, dos camponeses da fecunda Beira Alta, dos bufarinhos, das figuras da gleba, no xadrez animico das suas paixões e dos seus conflitos sem fim.

A observação psicologica perscruta a tortura dos trabalhadores rurais da courela beirã, sintese dos agros lusitanos, e dá-nos, consequentemente, a resultante da sua linguagem, onde se misturam e amalgamam todos os espontaneos e naturais atavios e expressões dum falar puro e humano como outro não há nem se encontra, em lusas expressões quotidianas. A unidade do seu presente volume vem-lhe da ligação dos seus temas e personagens se fundir como numa encantada cadeia. Entrechoam-se paixões; lutas, odios, momentos de alegria, toda a variegada e tumultuante tradução da alma humana, no que ela tem de mais flagrante e de mais fidedigno e verdadeiro.

«Quem não viu» é um documento de linguagem, a certeza da nossa constante morfologica, a confirmação de que o lexicon de Gil Vicente e de Camilo continua, amassado e fundido com a alma vibratil e inimitavel da grei, legataria comum da prosodia de Seiscentos.

Na galeria dos nossos escritores contemporaneos Samuel Maia, com uma bibliografia já extensa de volumes, tem o seu lugar inconfun-



DR. SAMUEL MAIA

O PRETO NO BRANCO

Um sonho mitológico

Malaquias Raposo teve um sonho que me contou e que eu vou tentar reproduzir. Só um homem como Malaquias, nestas horas calamitosas que o mundo atravessa, seria capaz dum sonho de linhas tão mitologicas e classicas. Mas é que Malaquias é conservador dum museu de Arte antiga. Dai a sua familiaridade com as estatuas e com as historias fabulosas. Como tem uma poderosa imaginação, ele anima as formas puras e frias dos marcores. Tem sobre a sua secretaria um retrato de Zeus, copia do busto que está em Roma no Museu do Vaticano. Tão familiar o julgo com as personagens da antiguidade, que não me admirava nada que esse retrato tivesse uma dedicatória:—«A Malaquias Raposo, oferece Zeus, pai dos deuses», e por baixo a data: «Olimpo, tantos de tal». Como é sabido este deus fez o que pôde sobre a terra. Malaquias, pelo seu lado, tem procurado imitá-lo, tanto como a vil e perecível argila humana pode imitar os deuses imortais. Desconfio que os dois permutam, em confidencias intimas, o relato das suas aventuras. Pelo menos Malaquias conhece os casos de Semele, de Niobe, de Leda e de Europa—casos marcantes na vida amorosa do Imortal, filho de Cronos e de Rhea. E eu invejo o Malaquias, a quem as suas relações intimas permitem não sentir, como eu sinto, a lamentavel escassez de batatas, de açúcar e outros problemas contemporaneos. Para alguma coisa é útil a cultura classica.

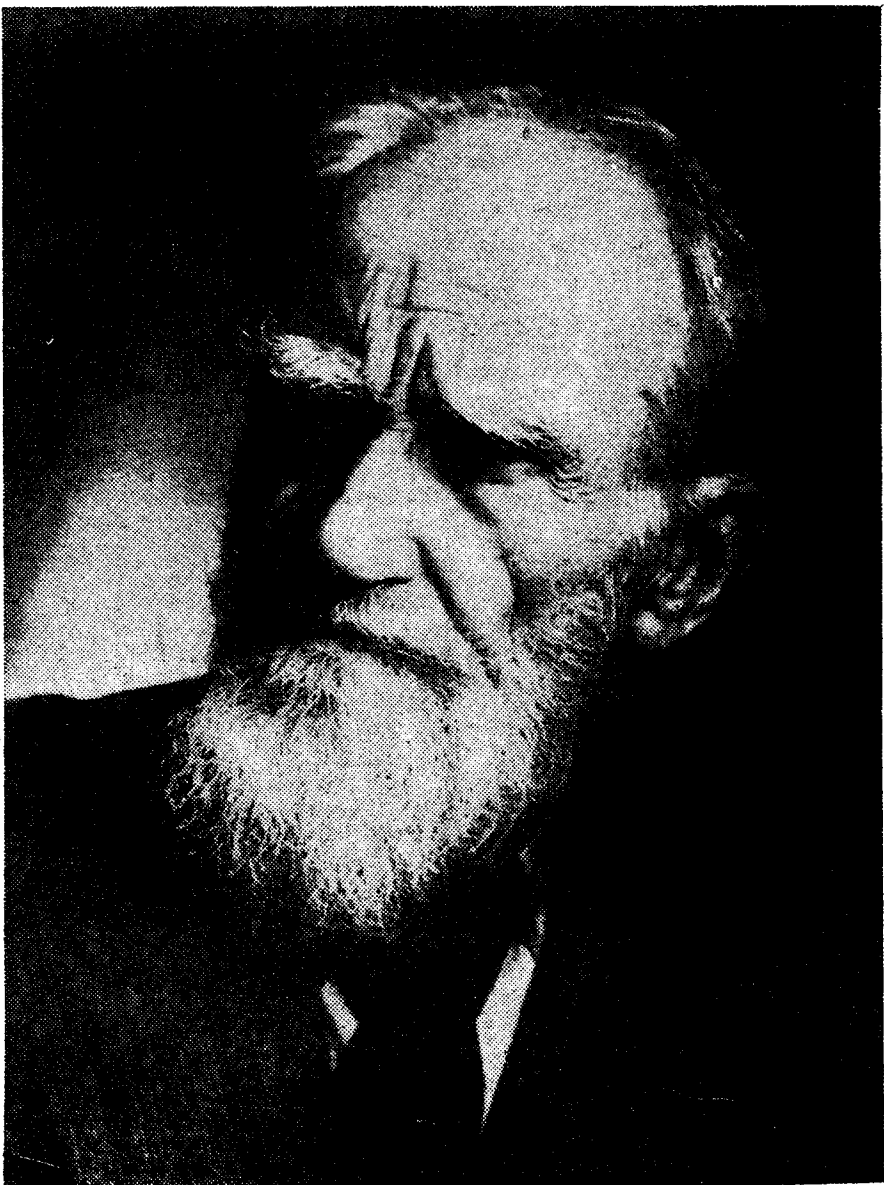
Pois Malaquias falou-me assim:

—Foi ontem á noite. Eu estava só no meu escritorio e tentei ler um livro qualquer. Mas confesso-te que, com a idade, depois de jantar, em vez de curiosidades literarias, o que tenho é sono. Ameaçando-me num «maple» e, sem dar por isso, «paso pelas brasas». Desculpa esta expressão, que destoa com o resto da historia, mas que tu saberás perdoar, pelo que ela tem de expressivo e sintetico. Portanto creio que dormia ou dormitava. É agradável

RAMADA CURTO

(Continua na pag. seguinte)

CORREIA DA COSTA



A ultima expressão do grande dramaturgo inglês Bernard Shaw

Os seios da moleirinha,
Nas tremuras do andar,
São punhados de farinha
Que ela anda a peneirar !...

(Alguem enamorado desta bela quadra recortou-a de um jornal da provincia. Inutilmente, porém, não conservou o nome do seu autor a quem pedimos desculpa da involuntaria omissão).

OS LIVROS DA SEMANA

I—Eça de Queiroz e o teatro português

Quando, em 1871, Eça de Queiroz escrevia nas *Farpas* que «o português não tem génio dramático; nunca o teve, mesmo entre as passadas gerações literárias, hoje clássicas», apontava uma das causas permanentes da decadência do nosso teatro. Não digo que este ponto da sua argumentação não seja discutível. É possível defender a viabilidade de um teatro nacional, até certo ponto filho do nosso génio lírico, desde que venham um dia a encontrar-se reunidos num mesmo indivíduo o alto fogo da inspiração poética e a capacidade conceitual da inteligência filosófica. Se este argumento invocado pelo mestre de *Os Maias* pode ser discutido, as demais causas que ele em 1871 apontava como factores de decadência do nosso teatro conservam, em nossos dias, a frescura primaveril de um ramo de rosas acabadas de colher. Desculpem o lirismo piegas da imagem. Na verdade, quando se observa a deletéria rotina da vida portuguesa, dá vontade de ser lírico e piegas...

«Acrece a isto» continua Eça de Queiroz em 1871, a farsa com os velhos motivos da pilhéria lusitana, o empurrão, o tombo, a matrona bulhenta, o general de barrete de dormir, etc. E é tudo! Sentimentos, caracteres sólidos, desenhados, costumes bem postos em relêvo, tipos finamente analisados, estudos sociais concretizados numa acção, a natureza, a realidade, a observação da vida—isso encontra-se ainda menos num drama que numa corrida de toiros».

Com pequenas variantes—sem o general nem o barrete de dormir—a nossa farsa continua a mesma pilhéria reles e grosseira. Mas, sem variante alguma, o que continua tal qual é o público—o teatro entre nós não é uma curiosidade de espírito, é um ócio de sociedade», escrevia Eça de Queiroz:—são os actores—resalvo as nobres excepções—que continuam a ser maus—não tanto por incapacidade própria, como pelas condições do seu destino», pois não têm estudo, nem escola, nem incentivo, nem ordenados, nem público», como afirmava Eça de Queiroz; e é, finalmente, «a pobreza geral»; «a carestia da vida, os altos alugueres, o preço do fado, uma certa necessidade de representação que domina a gente de Lisboa, tudo isto deixa a bolsa cansada, incapaz de teatros». Não há dúvida, Eça de Queiroz parece ter escrito estas palavras ontem à noite...

É certo que, a juntar a estas, outras causas concorrem hoje para a prolongada decadência. Entre elas avulta a competição do cinema. Quando se pensaria, no entanto, que o cinema, graças ao alto nível dramático em que decorrem muitos dos filmes admirados por toda a gente, houvesse tornado o nosso público mais exigente e refinado em matéria teatral—vê-se exactamente o contrario: cada vez é mais baixo o gosto do espectador.

Lendo o terceiro volume de Eduardo Scarlatti, *Em casa de «O Diabo»*—subsídios para a história do teatro (Livraria Luso-Espanhola, Lisboa), verifica-se o perfeito acôrdo entre o crítico que em 1871 se debruçava sobre a nossa vida teatral e aquele que em nossos dias se dá a mesma tarefa. De facto, se este novo volume de Scarlatti reúne as suas críticas de 1935-36, as últimas, suponho, que ele escreveu como crítico em actividade, estou certo de que escritas hoje, o autor de *Em casa de «O Diabo»* em nada modificaria os seus pontos de vista. Aliás, o próprio facto de um homem da categoria de Eduardo Scarlatti não ocupar actualmente, com a sua competência, inigualada, nenhum posto estavel de crítica só denuncia a agudeza da decadência de tudo quanto entre nós se reporta à vida teatral.

II—As causas da decadência subsistem

«Sem organização—abandonado às contingências de um meio inculto e pobre, às especulações comerciais em luta permanente com os brios da arte—o teatro anda a viver horas difíceis, no regime industrial. Julgo mesmo nunca ter conhecido boa sorte. Na tradição há muitos comediantes a arrastarem-se com fome, de terra em terra. Verdaderamente, a maioria dos portugueses nunca pôde alimentar diversões». Assim Eduardo Scarlatti dizia em 1935, quando lhe foi dado contemplar, no teatro Apolo, um espectáculo em benefício de comediantes desempregados. Com pequenas variantes, as considerações que então fez acerca da pelinríca nacional podiam ter sido feitas em 1871. «E' que somos—e já éramos—endemicamente pelintras, sem chavos», escreve ele, confirmando o que em 1898 dissera um senhor francês que visitou Portugal. Quere dizer: Eça de Queiroz, o francês e Scarlatti, o primeiro em 1871, o segundo em 1898, e o terceiro em 1935, verificaram a mesma coisa no nosso teatro: decadência devida em grande parte à pelinríca da vida.

É possível que em 1944 haja menos desempregados no teatro. Os preços dos espectáculos atingiram, porém, cifras astronómicas. Para se ver *A Mulher do Padre* tem de se esportular

EM CASA DE «O DIABO», (subsídios para a história do teatro), 3.º volume, por EDUARDO SCARLATTI O PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS, por CAMPOS DE FIGUEIREDO

vinte e tal escudos por um lugar a que se dá o pomposo nome de poltrona... Contudo, os teatros onde se representam farsas da categoria incategorizável de *A Mulher do Padre* continuam a absorver a pouca gente que ainda vai ao teatro. Para não fechar as suas portas, a ex-casa de Garrett tem de lançar mão do *Tovaritch*, peça em 1935 representada em Lisboa por uma patrulha mista do teatro francês, como lhe chama Scarlatti, e divulgada há dois ou três anos pelo cinema: obra «de um convencionalismo de opereta», no dizer do crítico de *O Diabo*. Isto é, em 1944 subsistem as causas da decadência notadas em 1871, 1898 e 1935.

III—Subsídios... e pouco mais

A primeira vítima de um tal estado de decrepitude do teatro nacional é a própria crítica. Imagine-se a impressão que produz em 1944 a leitura de um livro em que um crítico de 1935 enfiou as suas crónicas dramáticas à actividade teatral de então. Quando chegamos ao fim, tendo encontrado apenas duas ou três críticas que não sejam «ao bródio teatral sem arte nenhuma», não podemos deixar de lamentar tamanho desperdício de tempo e de inteligência.

Efectivamente, este terceiro volume de *Em casa de «O Diabo»* corre o perigo de não interessar a ninguém—salvo os especialistas investigadores—dentro de dez ou quinze anos. A culpa não é de Eduardo Scarlatti, está claro. Aliás, ele próprio teve o cuidado de subintitular o seu livro de *Subsídios para a história do teatro*. Não há estilo nem cultura nem es-

peculação crítica que resistam às bagatelas dramáticas que o teatro oferece a um crítico da categoria de Scarlatti. Grande foi a sua paciência e imenso o seu bom humor para se aguentar em tal posto tantos anos. O que abunda neste seu volume são referências a comédias imitadas do espanhol por aqueles industriais do palco a que o crítico chama com toda a justiça «mixórdios da arte dramática»—ou sejam todos aqueles que transigem com «a baixa especulação, a avidez da espórtula obtida por qualquer meio, as transigências com a paixão do reles». Fora disso, o mais são artigos em que o crítico faz impossíveis para evitar cingir-se ao tema que, a ser visto de perto, não daria dois dedos de conversa. Salvam-se três ou quatro crónicas em que lhe foi possível pôr à prova os seus recursos de bom gosto, de dialéctica, de análise, de cultura, de penetração psicológica, de visão crítica, de alta e inflexível imparcialidade de juízo. A representação do *Amadiz de Gaula* no Teatro Nacional proporciona-lhe palavras de compreensão e justiça para com Amélia Rey Colaço, como artista e encenadora, dando-lhe, ao mesmo tempo, lugar a que seja crítico a valer.

As considerações à margem de um prefácio de Ramada Curto denunciam todos os seus recursos de polemista e de crítico.

Poucas vezes a personalidade deste escritor, em que as qualidades se debatem com os defeitos, foi analisada com tanta penetração e imparcialidade. Sendo um dos casos mais característicos do nosso teatro, Ramada Curto dá a Eduardo Scarlatti oportunidade de escal-

pelizar aquilo que de facto constitui a grande mazela da maior parte dos nossos dramaturgos: a transigência com o gosto do público ou a carencia de ideal estético por desrespeito ou incompreensão da própria missão da arte. «Receia o artista a incompreensão?» pergunta Scarlatti em face da hipótese, aceitável pelo próprio Ramada Curto, de «escrever sensaborias apologéticas desde que sejam bem pagas».

E responde: «Julgo não pretender classificar-se entre os literatos de cordel e por essa razão me permito lembrar-lhe não terem sido as obras de Shaw e os dramas ibsenianos, por exemplo, compreendidos facilmente».

Isto nos põe novamente perante as causas da decadência do nosso teatro, em que a pelinríca geral da vida leva, muitas vezes, os autores a não resistir às solicitações do público—um dos piores inimigos da arte dramática. Entre os nossos autores que têm sabido manter-se num plano de maior coerência consigo próprios e com as determinantes ideais de uma estética pessoal resalta, da leitura do próprio livro de Scarlatti, o nome de Alfredo Cortês. Aliás, é o crítico quem afirma ter planeado «uma série de estudos sobre a personalidade artística de Alfredo Cortês de tal merecedora—pela soma das questões levantadas numa obra sem paralelo actual no teatro português».

Pena é que tais estudos ainda não tenham sido realizados. Além de acto de justiça para com o grande dramaturgo de *O Lobo*, para Eduardo Scarlatti seria pretexto de peso para nos dar uma obra amadurecida e completa, capaz de revelar todas as suas qualidades de intérprete e analista dos problemas teatrais até hoje ainda não plenamente evidenciadas. A sua *Religião do Teatro*, não o devem esquecer, é uma obra puramente doutrinal. A segurança dos pontos de vista críticos de Scarlatti, quando lhe é dado estudar uma personalidade ou uma obra capazes de comportar estudo e interpretação, acha-se aliás patente neste mesmo terceiro volume de *Em casa de «O Diabo»*. Refiro-me ao penetrantíssimo artigo sobre Teixeira Gomes escrito a propósito da comédia *Sabina Freire*, obra de restrito valor teatral. É este talvez o melhor capítulo da obra. Não é porque os nossos pontos de vista sobre o grande estilista de *Agosto Azul* coincidem em quasi tudo que reputo este estudo de Scarlatti o melhor do seu livro, mas porque nele se afirma, de facto, um sólido pensamento crítico, mesmo em matéria estranha à arte dramática propriamente dita.

O terceiro volume de *Em casa de «O Diabo»* é, porém, dos três publicados, o menos importante. Se se não tratasse de uma obra capital para o estudo da história do nosso teatro no período que abrange, diríamos que, a parte os capítulos sobre o *Amadiz*, Ramada Curto, Alfredo Cortês e Teixeira Gomes, o mais não merecia honra de figurar em livro. Repito, não porque Scarlatti seja inferior a si mesmo, mas porque os casos e as pegas estudados não só estão abaixo da crítica de um espírito da categoria de Eduardo Scarlatti, como estão, mesmo, abaixo de toda e qualquer crítica.

III—Teatro ou poesia?

Não obstante a insatisfação com que tem recebido todas as notas críticas que tenho aqui feito a livros seus, Campos de Figueiredo mais uma vez me quis dar a honra de me enviar uma obra sua, naturalmente no antegozo dos protestos que irá levantar na imprensa de Coimbra contra a opinião que me solicitou. São assim cheios de contradições os nossos poetas líricos...

O *Primeiro Milagre de Jesus* (Editorial Saber, Coimbra) é um pequenino mistério em prosa com duas ou três interferências poéticas. Não se trata de teatro lírico em prosa: trata-se apenas de um diálogo entre Paulo e Marta, em que intervêm, a *Voz de Jesus*, e um *Cantico da terra*. O tom bíblico paira em toda a composição, e o ritmo dramático não chega a revelar-se. Não sei quais teriam sido as intenções do autor. Se não pretendeu escrever senão o que se lê no seu *Primeiro Milagre de Jesus*, não temos dúvidas em afirmar que há uma certa graça poética em toda a composição; se foi seu intento escrever, de facto, uma cena com probabilidades teatrais, teremos de observar que ao seu *Primeiro Milagre de Jesus* faltam condições cénicas para ser representado. Para isso seria necessário, pelo menos, que o episódio tivesse duração teatral. Há quem se esqueça, de facto, que todas as artes têm um numero fundamental de princípios que são, por assim dizer, a condição primária da sua existência como géneros. Já houve para aí um escritor que publicou um drama em três actos em que a duração cénica de cada um não ia além de cinco minutos... Duvido que o *Primeiro Milagre de Jesus* pudesse durar no palco mais de um quarto de hora. Imagine-se a intensidade dramática que teria de precipitar para que em tão pouco tempo pudesse obter qualquer efeito sobre o espectador!

É de crer que Campos de Figueiredo não tenha tido pretensões cénicas ao escrever este seu milagre. Lido, apenas lido, o *Primeiro Milagre de Jesus* é formoso e sugestivo. Não sei dizer mais, mas suponho que é bastante.

JOÃO GASPAR SIMÕES

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da pag. anterior)

este estado. Não é já a vigília e ainda não é o sono. É uma espécie de estado crepuscular da inteligência que se presta a doces fantasias. Foi então que ela entrou e veio sentar-se, risonha e inefavelmente bela, num outro «maple» fronteiro àquele em que eu estava. Vinha vestida de graça e de inocência como as estatuas antigas, mas, talvez que, devido ao ambiente do meu escritório, todo em «contraplacado», quando se sentou cruzou a perna, com o mesmo á vontade duma estrela de cinema. Eu, intrigado e agradavelmente surpreendido, perguntei-lhe com o melhor que pude arranjar em tom de voz—em modulando, em açucarado, em meigo. Falei-lhe em voz de vedeta ou de locutora da «rádio», para lhe perguntar:

—V. Ex.ª digna-se dizer-me quem é?

—Europa!—respondeu.

Confesso-te que não esperava a resposta. O meu escritório é pequeno e nunca tinha pensado ver dentro dele uma das cinco partes do Mundo. De maneira que, embaraçado, e sem encontrar nada de melhor, apenas me saiu esta:

—Ah, é v. ex.ª? Pois estimo conhecê-la. Tenho lido nos jornais que v. ex.ª está um bocado atrapalhada no actual momento... E, não é para que v. ex.ª me agradeça, mas folgo em dizer-lhe que a sua sorte me tem preocupado... Se lhe posso servir nalguma coisa.

Ela riu, com um riso cantado de «so-prano ligeiro» que está contente e acha graça a uma boa pilhéria e exclamou:

—Tu? Tu vires em meu auxílio?...

Não gostei do tom da resposta. Sentí-me vexado. Que diabo!—eu ainda sou homem para ajudar uma senhora em embaraços. E foi talvez por ter percebido o efeito que em mim produzira o tom da exclamação que ela me perguntou, com intensa gentileza:

—Tu és europeu?

—Sim, senhora. Do Carfaxo—respondi eu.

—Pois venho sossegar-te—retorquiu ela—Escrevi-te a ti porque sei que és linguareiro e falador e quero, por teu intermédio, sossegar aqueles que, como tu, são meus amigos. Dize-lhes que não se preocupem, que eu hei-de salvar-me desta como me tenho salvo das outras. Vela por

min o «toiro divino». Zeus pai dos homens e dos deuses que, como é do domínio público, foi o primeiro que se meteu comigo. Não posso dizer que fôsse o primeiro homem, não só porque era um imortal, mas também porque era um toiro. E só te digo que na beleza e na força nem o Apis, que era um simples boi branco, nem todos «os sementais» de Andaluzia, podiam sofrer comparação com ele. Era majestoso e doce e ajoelhava a meus pés enquanto eu entretecia de grinaldas de rosas os seus cornos robustos. Dele tive três filhos—três amores—Minos, Rhadamanthe e Sarpedon—que é pena serem cretinos todos três, por terem nascido em Creta, onde passei a minha lua de mel. Depois casei-me com Asterion, rei da ilha, e Zeus foi o padrinho dos meus filhos. São hábitos, como tu vês, muito antigos. Daí por diante a minha vida tem sido uma constante aventura. Fui dos Cesares romanos, depois duns homens de almas e de olhos ardentes, vindos da Síria, que me deram por senhor um deus que me consumiu o amor e a piedade. A minha fronte branca foi cingida pelas três corôas pontificais. Do século terceiro até ao século decimo pertenci aos homens loiros, fortes e ferozes a que chamaram os bárbaros e que eu domesticuei, enleei na teia dos meus encantos que seduziram Jupiter, tornando-os doces e cultos.

Eu fui ouvindo, fui ouvindo a longa história e, a certa altura, comentei:

—V. Ex.ª pode ter razão... Mas olhe que tanta vez vai o contar à fonte...

—Não tenhas medo—contestou ela, rindo—Lembra-te que eu comeci por um toiro. E tu que, segundo me disseste, és ribatejano, deves saber que não há nada mais valente do que um toiro...

E serena, confiada, esplendida na sua casta nudez, Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia, abandonou o meu escritório e a minha casa que, como tu sabes, é nas Avenidas Novas. Que te parece o meu sonho?

—Compendioso—respondi eu—Compendioso e mitológico. Há nele história, mitologia e modernismo. Isso dava um conto.

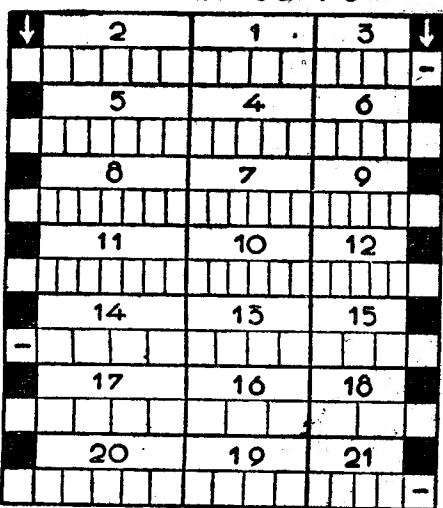
—Pois, se achas que dá um conto, escreve-o—autorizou Maluquias.

E eis a razão por que é este o assunto da presente crónica.—R. C.

Palavras derivadas

PROBLEMA N.º 71

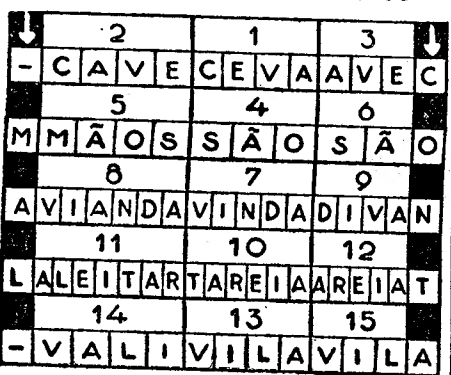
Mau de carro



ENUNCIADOS: 1. Forma verbal de «ir»—2. Pratinho para colocar as chicharas, copos ou canecas—3. Soberanos—4. Sôfrega, ávida, avarenta—5. Estrago, prejuízo—6. Haste de pendão, hâculo—7. Deslizar por calhas, meter-se na calha—8. Fazer que substâncias sólidas em suspensão num líquido se depositem, separando-se d'êlê—9. Carril—10. Peça componente dos arados—11. Parte ossea da cabeça—12. Tempo passado do verbo «cavar»—13. Celebração, festiva, dum casamento—14. Faz novo, ou novos, do fio da meada—15. Apreciável, excelente—16. O conjunto de doze meses seguidos—17. Vaga—18. Contracção de preposição e artigo—19. A voz dos felinos—20. Resgatava, redimía—21. Fiquem contentes com demonstrações de alegria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 70

Quem mal entende



A. SETTAS

ALMOÇO DE HOMENAGEM
ao dr. Ferreira Deusdado

Promovido por um grupo de amigos e admiradores do sr. dr. Ferreira Deusdado, vai realizar-se brevemente em Lisboa um almoço em honra d'êste ilustre advogado e publicista—homenagem que tem por fim testemunhar-lhe publicamente a muita admiração e apreço em que é tida a sua obra notável á frente da direcção da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro.

A comissão que tomou a iniciativa, d'êste almoço é constituída pelos srs.: dr. Aguedo de Oliveira, tenente-coronel Augusto Luciano Alves, dr. Antonio Martins, coronel Bento Roma, brigadeiro Carvalho Teixeira, conselheiro Baptista Rodrigues, prof. dr. Abreu Lopes, tenente-coronel Salvador Teixeira, dr. Manuel Murias, dr. José Pontes, dr. Norberto Lopes, dr. Luiz Chaves, dr. João Couto, dr. Mendes Bragança, dr. João Almendra, dr. Carvalho e Branco, major Alvaro Cepêda, Tomás Sá Dias, Antonio Guilhermino Furtado, Francisco dos Santos e major Horacio Pimentel.

As inscrições podem fazer-se, desde já, nas livrarias Bertrand (rua Garrett) e Portugal (rua do Carmo), na Quermesse de Paris (rua Primeiro de Dezembro) e na sede da Casa de Trás-os-Montes, rua da Misericórdia, 20, 2.º—Telefone 2 4093.

OURO, PRATAS E JOIAS
GRANDE SORTIDO
Preços baratos só na
OURIVESARIA SANTOS
CATITA, LDA.
Rua Eugénio dos Santos, 44.

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 9.ª pag.)

—Oito e meia!—exclamou. Vou chegar atrasado. Adeus.

Deu-lhe um beijo apressado, com receio que Luiza lhe descobrisse nos olhos a mentira.

Já na rua, o ar fresco da noite acalmou-lhe os nervos. Aquela vida, assim, tinha que terminar. Não sabia como. Gostaria que Luiza lhe gritasse as dúvidas e os ciúmes que nela adivinhava para poder, sem remorsos, confessar-lhe que estava cansado da sua presença, que era melhor que cada um seguisse o seu destino diferente. Mas assim, ela era tão fragil, tão silenciosa, aceitava todas as mentiras, que não tinha coragem.

Casar tinha sido uma loucura... Eram tão novos... A liberdade que perdera causava-lhe saudades sem fim. Estar sempre com receio de que alguém sofria quando nos demoramos... E voltar, já tarde, e ler nos olhos ainda vermelhos de chorar uma muda recriminação... Não poder ir a qualquer parte sem dizer para onde, ainda que seja mentindo...

A sua ligação com Hydée não era, no fundo, senão uma vingança, uma desforra, contra essa opressão que o torturava.

Devia partir para qualquer parte, reorganizar a sua vida, em plena liberdade, quebrar todos os laços que o prendiam ao passado. Afinal a solução era tão simples... A distância custar-lhe-ia menos explicar todos os motivos da sua decisão.

«Sim, era preciso partir». Este pensamento não o abandonava. Caminhava pelas ruas ao acaso, como um sonâmbulo. «Partir». Tinha que tomar uma resolução rapidamente. Se deixasse passar os dias, surgiriam as hesitações, a saudade por tudo quanto abandonava, os cuidados pela incerteza do futuro. Não devia esperar, a resolução estava tomada.

«Caminhou mais apressado. «Para onde iria? Não lhe interessava o destino. Era preciso partir, partir para longe, no primeiro comboio... Chegou á estação. Tinha comboio dentro de 15 minutos. Já com o bilhete no bolso pensou: «Luiza vai viver uma noite de inquietações e de cuidados. Um simples telefonema poupar-lhe-á êsse sofrimento. Depois, escrevo-lhe e tudo se esclarece».

Dirigiu-se a uma cabine. Marcou o numero, nervosamente. Do outro lado da linha Luiza atendeu:

—Está lá? Quem fala?

—E's tu? Olha, tenho que sair hoje mesmo, não fiques em cuidados.

Ficou esperando uma resposta. Silêncio. Julio impacientou-se:

—Está? Está?

—Mas não vens a casa?—ouviu por fim.

—Não, não posso, o comboio parte dentro de 10 minutos. Negócios.

—Não te demoras muito, pois não?

—Não sei, suponho que não... Um aborrecimento, esta viagem assim, inesperadamente... desculpa-se.

Novo silêncio, por fim Luiza disse na sua voz conforada:

—E' que eu tinha uma coisa para te dizer, mas como não te demoras digo-te depois...

—O que é?

—Não, digo-te depois...

—Mas é alguma coisa de cuidado?

—Não, nada de cuidado, quando vieres eu digo-te...

—Está bem, então adeus...

—Adeus, querido...—ouviu do outro lado da linha.

Desligou o telefone. Caminhou apressadamente para a gare. Mais 5 minutos e partiria...

Para sempre... Esta ideia causou-lhe pena. «Tinha uma coisa para te dizer». O que seria?

A custo tomou lugar numa carruagem. O ruído da estação atordoava-o. Um empregado gritava o sinal da partida. Um homem dava um ultimo beijo na mulher e no filho que esta trazia ao colo. Lembrou-se de Luiza. «Tinha uma coisa para te dizer». Aquela frase verrumava-lhe o pensamento. O pequenino fazia graciosamente adeus ao pai que partia. Sentiu um sobressalto. E se fosse um filho? Recordava-se agora de certos pormenores que lhe tinham passado despercebidos. Era isso, com certeza... Não, não podia partir naquela incerteza. Desceu da carruagem no momento preciso em que o comboio se punha em marcha, vagarosamente. Cá fora tomou um taxi para chegar mais depressa a casa.

Foi com espanto que Luiza o viu entrar, agitado, e se lhe lançou nos braços, contente por o sentir perto de si.

—Perdeste o comboio?—interrogou.

—Não, depois de me despedir de ti, compreendi que não podia ir para parte alguma sem me dizeres primeiro o que querias dizer-me. O que era?

—E isso causou-te muito transtorno? Por minha causa...

Calou-se. Ficou com o pensamento suspenso, com a cabeça encostada ao ombro dele.

—Vamos, senta-te, diz-me o que tens. Estás doente? Não me causou transtorno nenhum. Posso ir amanhã. Posso não ir também. Posso tratar o assunto por carta, é mais moroso, bem sei—voltava a mentir—mas não te quero ver assim triste.

—E foi por minha causa que voltaste?—preguntou Luiza olhando-o nos olhos.

Aquele olhar perturbava-o.

—Não... Sim... não sabia o que dizia. Estava inquieto. Podias sentir-te doente e nada me dizeres só para não me inquietares.

Abraçou-o de novo. Escondeu o rosto e murmurou:

—Sim. Sinto-me esquisita não sei como... Já o mês passado andava desconfiada, mas não te disse nada, não tinha a certeza... Agora parece que já não pode haver dúvidas...

—O quê? Um filho!

Luiza abraçou-o com mais força, teve um gesto afirmativo e, logo, desprendendo-se, perguntou:

—Não querias?

Julio não lhe respondeu. Abraçou-a, beijou-a, como há muito tempo não fazia já. Luiza sentia-se feliz. Ia ser mãe! Julio voltava para ela com o mesmo entusiasmo de outrora.

—Sabes?—disse—queria que me perdoasses uma coisa.

—?!

A sua expressão revelou espanto.

—Sim, perdoas-me. Pensei tão mal de ti nestes dias... Julgava que já não gostasses de mim, que tivesses outra mulher... Perdoas-me, sim! Mas, afinal, andavas apenas preocupado com os teus negócios...

Julio ouvia-a semi-encostado no maple, sentindo no peito o doce peso do seu corpo. Espantava-se agora de ter pensado em partir, em abandonar o sossêgo da sua casa, em fazer sofrer aquela mulher fragil que lhe estava pedindo perdão. E Hydée? Não a tornaria a procurar. Viveria para Luiza e para o filho que ia nascer.

—Perdoas-me, sim, querido? Eu não volto a pensar mal de ti—ouviu novamente Luiza implorar.

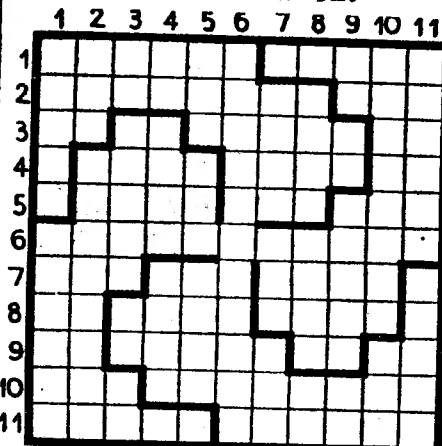
—Sim, perdoo-te! O que não te perdoaria eu?!

—Consegui por fim dizer.

ANTONIO GARCIA

Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 529



HORIZONTAIS: 1—Aquiesçam. Sobe. 2—Decidida. Nome de homem. 3—Pronome pessoal. Antes de Cristo. Encoraja. Ermo. 4—Espaço de tempo (pl.). Cóleras. O mais. 5—Cimo. Tempo do verbo ir. Altar. 6—Demarcados. 7—Anel. Textualmente. Pronome pessoal. 8—A mim. Determina a grandeza ou quantidade de. Amofina. 9—Andar. Agita. Pedra de moinho. Utensilio. 10—Semelhante. Estampidos. 11—Santo a que é dedicado um templo ou capela. Grande cuidado.

VERTICAIS: 1—Ofícios. Exonerar. 2—Abóbada celeste. Aumentar a velocidade. 3—Pertences. Dou sem efeito. Perversa. Ali. 4—Compaixão. Tomei alimentos. Tapume de ramos ou varas, para vedação de terrenos. 5—Renque. Preposição que indica exclusão. Partidas. 6—Generoso. 7—Extraio. Possuir. Preposição e artigo (pl.). 8—Estimar. Içam. Prefixo de negação. 9—Preposição. Cartas de jogar. Adeleiro. Pôpa. 10—Desgostosa. Colocar. 11—Afias. Eventualidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 528

HORIZONTAIS: 1—Gates. Acama. 2—Unicó. Geram. 3—Ia. Sem No. 4—Nio. Fumam. Ter. 5—E's. Rebaies. Tá. 6—Luminaria. 7—Li. Muraram. Pá. 8—Ena. Raras. Ser. 9—Vi. Mim. R. 10—Ataca. Ofusca. 11—Meias. Alías.

VERTICAIS: 1—Guiné. Levam. 2—Anais. Limite. 3—Ti. Rum. Ai. 4—Eco. Femur. Oca. 5—Só. Subiram. A's. 6—Semanario. 7—Ag. Mataram. Fá. 8—Cem. Meras. Sul. 9—Ar. Sint. Si. 10—Maneta. Perca. 11—Amora. Arias.

As cadeias de Sintra

E' inegável que Sintra e os seus arredores constituem a nossa mais bela região de turismo, onde a Natureza oferece perpetuamente, aos olhos de quem lá vive ou de quem lá passa esplendorosas e encantadoras paisagens. Parece, pois, natural, que a industria turística fôse ali intensivamente explorada, construindo-se bons hotéis, criando-se diversões, proporcionando-se comodidades e facilidades a quem quisesse habitar a região ou admirá-la por algumas horas. Alguma coisa se tem feito (e são de registar os bons serviços e a excelente comida dos hotéis e restaurantes, a construção das bandadas no campo de futebol, outras actividades desportivas e os esforços feitos para manter regularmente os transportes). Mas há uma acção que não nos parece coadunar-se com as conveniências duma região tão essencialmente turística: é a que se refere a prisões.

Sintra já tem, além duma cadeia civil—que é necessária—uma colonia penal que bem poderia ter sido construída noutra zona. Pois agora foi aprovado pelo Ministerio das Obras Publicas o ante-projecto, da autoria do architecto sr. Rodrigues Lima, para uma cadeia civil naquela vila, destinada a 500 presos que trabalharão em oficinas e na lavoura. Essa prisão ficará instalada nos terrenos ligados á Quinta da Penha Longa, ao sul do Linho.

Se se trata de substituir a actual cadeia civil (e possivelmente também a colonia penal) por outra mais higienica e mais moderna, e com a vantagem de ficar longe da vila, muito bem!

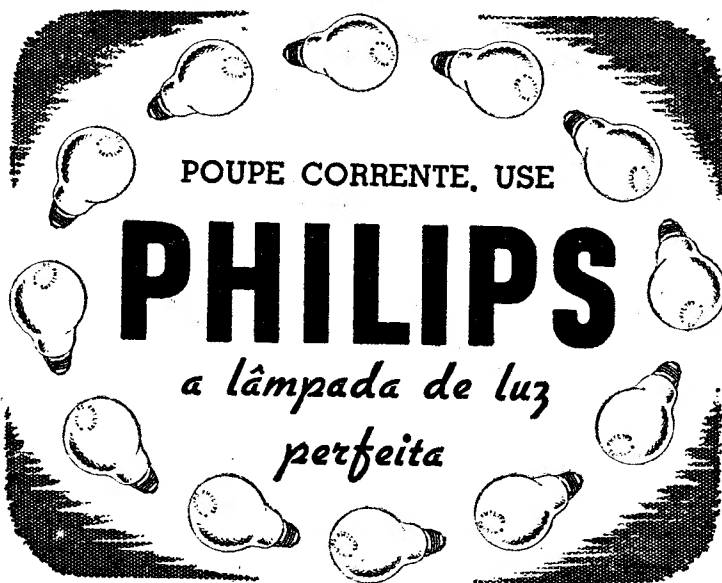
T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito difíceis que sejam, executam-se na bem conhecida

ELECTRO-LISBOA, L. DA

Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRÁTIS
246, 248, RUA AUGUSTA — Tel. 20568



A "SRAF"

E', sem favor, a casa mais bem montada no seu género

Alguem duvida? Uma simples visita lho provará. E poderá verificar igualmente que, apesar das suas instalações modelares, os seus preços de funerais bem como os seus serviços não requeiem confronto. Grandes facilidades de pagamento para quem as deseje aproveitar. Grande exposição permanente de: Urnas de autenticas madeiras do pau santo, carvalho americano, macacauba, nogueira, setim e mogno. Expedições imediatas para qualquer ponto do País com o transporte gratuito. Sede: AGENCIA SRAF — RUA DAS PEDRAS NEGRAS, 5, r/c., à 56 — Telefone 27288 — IMPORTANTE: Esta Agencia nada tem com outra existente na mesma rua.

NOVOS TONS de pó de arroz que são a admiração DAS SENHORAS



PREPARADOS EM
PARIS COM UMA
MÁQUINA COLO-
RIMÉTRICA MÁGICA

DÚPLICA
A BELEZA
DA PELE

Inventou-se uma nova máquina
colorimétrica que revela a cor
exacta do pó de arroz que melhor
se adapta à sua pele.

Esta invenção levou à criação de
tons novos de que a originalidade
e a beleza são inigualáveis. O Pó
de Arroz Tokalon não tem rival.
Adere à pele um dia inteiro, mesmo
andando ao vento e à chuva. Evita
o brilho no nariz. É preparado por
um processo devidamente registado.
Experimente hoje mesmo o Pó de
Arroz Tokalon — os novos tons que
favorecem e embelezam — e pareça
mais nova e mais linda.

A venda nas perfumarias e boas
casas do ramo. Não encontrando
escreva à Agência Tokalon de Lis-
boa, 88, Rua da Assunção, que
atende na volta do correio.

Companhia Colonial de Navegação

LINHA DO BRASIL
PAQUETE

«COLONIAL»

Sairá com escala por Leixões no
dia 22, recebendo carga e passapei-
ros para:

RIO DE JANEIRO e BUENOS AIRES

LINHA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL
PAQUETE

«João Belo»

Sairá com escala por Leixões no
dia 29, recebendo carga e passapei-
ros para:

S. Tomé — Sazaire — Luanda — Lo-
bitó — Mossamedes — Lourenço
Marques — Beira e Moçambique
e para os demais portos sujeito a bal-
deação.

A carga para a Costa Ocidental tem
a sobretaxa de 20 %.

Para tratar:

LISBOA — Rua do Instituto Virgílio Machado, 14
Telefone 2 0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2342

Tão certo como
1 e 2 serem 3

Torna-lo-emos rápida e eco-
nomicamente. Guarda-lí-
vros se seguir os nossos
modernos cursos por cor-
respondência. Peça folhetos grátis a:

Instituto Luso-Brazileiro de Comércio
Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12, 1.º — Pórtó
M. B. — Não nos remeta dinheiro para sêlos.



Nova concepção de arte e técnica realizada pela marca de
ALTA CATEGORIA.

UNIVERSAL

AERO-COMPAX, UNIVERSAL, é um moderno cronógrafo que
fixa a hora da partida de uma viagem ou de um encontro.

Peça prospecto descritivo ao seu relojoeiro e consulte-o sobre
o valor prático do original cronógrafo AERO-COMPAX UNIVERSAL.

Lâmpadas

Lumiar Enae

Motores

Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica
AV. 24 DE JULHO, 158

Tele- fones — 62177/78
gramas — LAMPAR



Pó de arroz

Rouge

Crème

Baton

(não gorduroso)

são produtos de alta classe

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Bata, 27, 2.º — LISBOA Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES — Otorrinolaringologista	de 14 h.
DR. ADELINO COSTA — Cirurgia geral, Otorrinolaringologia	de 17 h.
DR. ANASTASIO GONÇALVES — Doenças das crianças	de 17 h.
DR. ARMANDO LUIZ — Urologia e vicia urinárias	de 14 h.
DR. ARMANDO VALLÉ — Análises clínicas, radiologia	de 11 h.
DR. ARTUR PACHECO — Doenças de pele e sífilis	de 17 h.
DR. BENEDITO GONÇALVES — Radiologia	de 18 h.
DR. DIOGO FORTADO — Doenças nervosas e mentais	de 18 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARAL — Medicina geral	de 18 h.
DR. FORMIGAL LUIZ — Microscopia, micropneumologia, raios X	de 13 h.
DR. JOÃO MARQUES FERREIRA — Doenças das crianças	de 18 h.
DR. MARCELO MARTINS — Doenças da boca e dos dentes	de 10 h.
DR. MARIO ROSA — Clínica geral, estomatologia e intestinais	de 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA — Partos, Doenças das Mulheres	de 15 h.
DR. VASCO DE LACERDA — Clínica médica, cirurgia, pediatras	de 17 h.



Automovel

Compro, bom estado, moderno, bem calçado.
Só a particular. Resposta à R. da Conceição,
n.º 147 ao n.º 903.

DANÇAR

Aprenda com a professora MARINA
e suas ajudantes
R. DA MADALENA, 199, 1.º — Telef. 20555

LUSTRES

OFICINAS de reparações e insta-
lações eléctricas — Fabricante, mon-
tador e restaurador de LUSTRES.
Aplicados e candelários de mesa —
FABRICANTE de velas de madeira
e cartão — Abat-jours

Direcção técnica de F. Reis

J. R. DE BRITO

RUA LUIZA TODI, 2 (à Rua D. Pe-
dro V) — Telefone 2 0497 — LISBOA